

Lideranças em Bel Air

Federico Neiburg | Natacha Nicaise | Pedro Braum

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia
Museu Nacional - UFRJ

Setembro de 2011

Equipe: Federico Neiburg, Natacha Nicaise, Pedro Braum Azevedo da Silveira, Herold Saint Joie, Sergo Louis Jean, Jonhy Fontaine, e Handerson Joseph.

Conteúdo

I. Introdução.....	3
II. O universo das lideranças	10
1. Idade.....	14
2. Local de nascimento.....	14
3. Instrução.....	15
4. Ocupações dos pais.....	16
5. Família, gênero e local de moradia	18
III. As dimensões da liderança.....	21
1. Bases e território.....	23
2. Associações e recursos.....	26
3. Política nacional e ajuda internacional	29
IV. Vidas de lideranças	32
1. A líder mulher.....	33
2. Um homem de armas.....	35
3. Qualificação e juventude.....	37
4. Política e desenvolvimento	38
5. Da luta à paz.....	40
V. Reflexões finais	43
VI. Imagens.....	47
VII. Referências.....	48

I. Introdução

Bel Air é um dos bairros mais antigos de Porto Príncipe. Situa-se no centro, ao lado do Palácio Nacional, do Champ de Mars, da Catedral, do porto e da principal área de mercados da cidade. No decorrer do século XX, foi moradia de uma classe média urbana de comerciantes, profissionais liberais, funcionários e artistas. A partir da década de 1970, o seu contorno social e geográfico mudou acentuadamente. Devido, entre outros fatores, à crise na agricultura tradicional, chegaram à cidade milhares de imigrantes vindos do interior do país, o que causou um aumento da densidade demográfica, o declínio da já precária infraestrutura urbana e o surgimento de novos assentamentos como La Saline, Forturon, Fort Dimanche, Pont Rouge e Warf Jeremie, unindo, numa única mancha urbana, essa região da capital com a prefeitura de Cité Soleil. Os indicadores sociais da área decaíram sensivelmente, área esta que passou a ser associada a “favelização”, “economia informal”, “degradação ambiental” e “violência”.¹

O censo realizado em 2007 pela organização não governamental brasileira Viva Rio ultrapassa as delimitações originais do bairro e desenha a “Grande Bel Air”, que inclui desde as zonas mencionadas acima, situadas na parte baixa da cidade, perto do mar, passando por Portail Saint Josef, Tokyo, St Martin, Delmas 2 e Solinó, indo até as cercanias do Fort National-Bastia (ver mapa). O referido censo apresenta os únicos dados demográficos disponíveis sobre a região. Lá moram cerca de 135 mil pessoas. A maior parte da população adulta é composta por migrantes e filhos de imigrantes vindos do interior do país.

O censo mostrou igualmente um dramático movimento da população ocorrido entre 2004 e 2006. Nesse período, 43.5 % das pessoas tinham saído da área; a cada dez famílias, seis tinham enviado para fora de Bel Air seus filhos menores de 17 anos.

O êxodo coincide com o tempo da *vyolans* [violência] que se seguiu à destituição do presidente Jean Bertrand Aristide, em 2004. Aristide nasceu no sul do país e migrou quando criança para Bel Air. Ali cresceu e “foi feito” (voltaremos mais adiante sobre esta expressão); foi lá que construiu a sua base social mais próxima.² Além de ser palco central dos confrontos entre

¹ Os dados disponíveis sobre a população da área metropolitana de Porto Príncipe ilustram a dimensão do crescimento demográfico, muito acima da média nacional, a partir da segunda metade do século XX. 1950: 143.594 habitantes, 1971: 493.983 habitantes, 1982: 719.617 habitantes, 2009: 2.500.000 habitantes. Uma das melhores descrições da transformação social de algumas regiões de Bel Air nas últimas décadas do século XX pode ser lida no romance *Adieu mon frère*, de Edwige Danticat (2008). Ver também, Nascimento e Thomaz (2006).

² Aristide formou-se no seminário dos Salesianos e pregou na Igreja de Saint Jean Bosco, na zona de La Salines. Veremos mais adiante de que modo os dados surgidos em nossa pesquisa apontam para a

partidários e inimigos de Aristide, Bel Air foi também um dos primeiros cenários da intervenção da Missão das Nações Unidas para a Estabilização de Haiti (MINUSTAH).³ Como indica o procedimento das “missões de estabilização” da ONU, em paralelo às operações militares, iniciou-se o programa “Desarmamento, Desmobilização e Reintegração” (DDR) das pessoas que tinham participado dos conflitos armados recém-ocorridos. As principais áreas de ação da DDR eram as chamadas *hot zones* da capital: Cité Soleil, Carrefour Feuille, Martissant e Bel Air.⁴

Em maio de 2007, 12 “lideranças comunitárias” de Bel Air assinaram um Acordo de Paz sob o patrocínio de duas instituições: a Comissão Nacional de Desarmamento, Desmobilização e Reintegração (CNDDR) e o Viva Rio (VR) (foto).⁵ A CNDDR fora criada um ano antes, deslocando para o âmbito do governo haitiano os programas DDR que, desde 2004, dependiam da agência civil da ONU. O VR havia chegado ao Haiti no mesmo ano, a partir de uma solicitação de assessoria por parte da DDR. Em seguida, a centralidade (urbana, política, histórica) de Bel Air justificou, aos olhos da ONG, o desenvolvimento de outros projetos na área, como os relativos a saúde, saneamento, aprovisionamento de água, gestão de conflitos, formação (esportiva, artística, em informática), entre outros. Isto favorecia uma intervenção no processo de estabilização que, desde o início, procurava aliar as ações ligadas ao “desenvolvimento” com as

importância do seminário Salesiano na formação das jovens lideranças da área — algumas delas, inclusive, empreendendo estudos universitários, como o próprio Aristide, formado em psicologia na Université d’État de Haiti. Além de fundar o movimento Lavalas, Aristide foi, por duas vezes, presidente do país: em 1991, foi eleito o primeiro mandatário após quatro décadas de ditadura dos Duvalier (François, primeiro, Jean-Claude em seguida). Seu primeiro governo (1991) durou somente sete meses, até ser destituído por um violento golpe militar. Três anos mais tarde, Aristide ascenderia novamente ao poder, graças a uma intervenção militar americana, o que permitiu que terminasse seu mandato (1994-1996). Cinco anos depois, Aristide foi novamente eleito, governando o país até 2004, quando foi deposto no contexto de uma intervenção militar estrangeira (dirigida pelos Estados Unidos, França e Canadá).

³ A resolução criando a MINUSTAH foi votada pelo Conselho de Segurança da ONU em abril de 2004. Dois meses mais tarde chegariam ao país caribenho os primeiros capacetes azuis.

⁴ O programa DDR foi criado em 1989, sendo implementado pela primeira vez no Haiti no quadro da intervenção de 1994, que reconduziu Aristide ao poder. Formalmente, seu objetivo era enunciado do seguinte modo: “Dismantlement of armed groups and reintegration of hard core members; Building the capacity of state actors and communities into a mutually reinforced partnership; Development of mechanisms for dialogue and conflict management at the community level; Support to community recovery, creating opportunities for the voluntary surrender of weapons; e Strengthen and support the implementation of the legal framework to reinforce control measures against the proliferation of small arms. UNDDR, Country Programs, Haiti, <http://www.unddr.org/countryprogrammes.php?c=80>. Para uma visão da chamada “segunda geração” de programas DDR, como os implementados no Haiti a partir de 2004, ver Muggah 2005 e, também, http://unddr.org/docs/2GDDR_ENG_WITH_COVER.pdf.

⁵ Além das lideranças signatárias e dos representantes das instituições patrocinadoras (CNDDR e VR), na cerimônia de assinatura dos Acordos também estavam presentes representantes da MINUSTAH, da PNH, além de representantes diplomáticos do Brasil e da Noruega @foto@.

ações de “pacificação”.⁶ Algumas das lideranças envolvidas na assinatura dos Acordos haviam se engajado em ações voltadas para a promoção da paz, antes mesmo da chegada da DDR na área.

A presença do VR cresceu exponencialmente, a partir de 2009, com a instalação de um grande centro comunitário (*Kay Nou*, nossa casa), em uma área de 25 mil metros quadrados, localizada no centro da Grande Bel Air, e ainda mais após o terremoto que atingiu a capital (muito especialmente essa área central da cidade), em janeiro de 2010. O local transformou-se, inicialmente, em campo de refugiados e, em seguida, em centro de distribuição da assistência às vítimas. Atualmente, são cerca de mil as pessoas que desenvolvem atividades ligadas à ONG na região. O Viva Rio passou a ser uma importante fonte de recursos, mobilizando cada vez mais ações e expectativas da população, interagindo intensamente com (e contribuindo igualmente para configurar) as formas de liderança e de associação na área.

Os Acordos de Paz têm sido renovados anualmente no mês de maio. O número de assinantes aumentou expressivamente, passando dos 12 signatários iniciais, existentes em 2007 a 77, no Acordo IV, assinado em maio de 2010.⁷ Junto com a expansão da área compreendida, cresceu o número de lideranças representando as diferentes zonas. Alterou-se, igualmente, o perfil social dos líderes: diminuiu a média de idade, surgiram signatárias mulheres e aumentou globalmente o nível de formação.⁸

A pesquisa que aqui apresentamos surgiu de uma demanda do VR no sentido de se compreender o mundo social das lideranças comunitárias em Bel Air. Trata-se de uma questão-chave para as políticas de intervenção social na área, envolvendo assuntos centrais dos “processos de desarmamento e reintegração”, como definidos pelas Nações Unidas. Tais questionamentos giram em torno das seguintes perguntas: até onde incluir às lideranças armadas ou que participaram da luta armada nesses processos? Que ações do passado devem ser condenadas e que pessoas que aceitam depor suas armas podem ser reintegradas?

⁶ Para uma visão de conjunto da perspectiva e das iniciativas do VR em Bel Air, no quadro da implementação de ações de estabilização e reconstrução em contextos pós-conflito, ver Moestue & Muggah (2009).

⁷ Pouco depois de ter sido concluído o trabalho de campo para esta pesquisa, em maio de 2011, foi assinado o V Acordo de Paz, por 106 pessoas.

⁸ O Acordo IV foi assinado por representantes dos seguintes setores da Grande Bel Air: St. Martin, Delmas 2, Bel Air, Solino, Fort National-Bastia, La Saline-Fortouron, Pont Rouge-Fort Dimanche-Warf Jérémie. Nos dois primeiros acordos, os signatários eram todos homens, o terceiro e o quarto foram assinados respectivamente por quatro e 23 mulheres.

Do ponto de vista de especialistas em “situações pós-conflito” e segundo os próprios documentos da ONU,⁹ uma originalidade do processo haitiano de 2006 consistia na ausência de duas forças beligerantes claramente diferenciadas, ou seja, o fato das ações armadas se alastrarem envolvendo vários grupos relativamente independentes, multiplicando os conflitos. Segundo esses mesmos documentos, as respostas às perguntas do parágrafo anterior deviam ser deixadas nas mãos dos “atores locais”. Assim, em muitos casos, a definição da fronteira entre quem poderia ser reintegrado e quem deveria ser preso e julgado foi basicamente um assunto que se resolveu na prática.¹⁰

Trata-se de questões vitais para os moradores de Bel Air, conferindo sentido, por exemplo, à palavra *rechechè*, que designa as pessoas procuradas pela polícia e pelas forças da ONU. Dá-se o mesmo com a palavra *reintegrè*, utilizada para designar indivíduos que depuseram as armas e que, atualmente, são cidadãos de pleno direito – alguns, como veremos, fizeram cursos de “formação de lideranças” e “solução de conflitos” oferecidos por agências internacionais ou ONGs, e hoje se veem e são vistos como “profissionais do desenvolvimento”. Como não poderia ser diferente, a acusação de “compor com bandidos”, feita em determinadas ocasiões, em primeiro lugar, à DDR; em seguida, à CNDDR, mas também ao VR faz parte desse universo social em movimento que configura o processo de desarmamento.¹¹

Além de considerar esses embates jurídicos e políticos, a pesquisa teve igualmente de considerar a estigmatização que pesa sobre a região e seus habitantes. Apesar do número de ações violentas (e de mortes por arma de fogo) ter diminuído sensivelmente nos últimos anos,¹² Bel Air continua ocupando uma das posições mais inferiores na geografia da hierarquia e da desigualdade social de Porto Príncipe. Projeta-se sobre a área e sobre as pessoas que lá habitam um conjunto de valores que associam pobreza e ausência de infraestrutura com violência,¹³ reforçando uma percepção de ameaça e de *desod* [desordem], uma mistura de ação política e delinquência, segundo a qual as lideranças da área aparecem genericamente

⁹ Ver Hamann (2009), Moestue e Muggah (2009) e UNDDR.

¹⁰ A DDR estabelece que “a negociação e identificação dos beneficiários do programa é responsabilidade do Estado (i.e. da CNDDR)” e que as “principais lideranças de gangs procuradas pela polícia não podem ser integradas no processo DDR” (UNDDR, 2006).

¹¹ Outra acusação é frequente entre aqueles que atacam os programas DDR desenvolvidos em locais como Bel Air e Cité Soleil: eles não seriam verdadeiramente “efetivos”, pois as “armas ainda estão lá, escondidas.”

¹² Para dados sobre vitimização e violência em Bel Air, ver Fernandes e Nascimento (2007). Para uma apreciação mais compreensiva do ponto de vista do Viva Rio, incluindo o projeto *Bèlè Vet* (Bel Air Verde), ver Moestue e Muggah (2009).

¹³ Descrevemos essa lógica estigmatizante em Neiburg e Nicaise (2010).

identificadas (ou reduzidas) à imagem de bandidos – que usam armas, que as possuem, ou que estariam próximas de quem as poderia usar.

Identificações (e reduções) semelhantes estão presentes em boa parte da literatura e do debate público que trata não somente das políticas de integração de lideranças armadas em situações de “pós-conflito”, mas também, de forma mais ampla, da “pobreza e violência” em contextos como o haitiano, supostamente caracterizados pela “ausência” ou “fraqueza” do Estado. Segundo essa narrativa, a escassez de recursos e de institucionalidade estaria na base da formação de estruturas sociais e de personalidades “predatórias”, predispostas à “corrupção”, à “ilegalidade” e à “violência”. A capacidade compreensiva dessa visão, saturada de pré-noções e de generalizações normativas, é extremamente limitada. Ao invés de dados empíricos, se estabelecem associações difusas; as descrições confundem-se com uma censura moral e com prescrições políticas que reforçam a estigmatização.¹⁴

A esta narrativa negativa opõem-se aqueles que valorizam positivamente as experiências sociais singulares “de baixo” e que, no lugar da violência e da personalização da vida social haitiana, buscam colocar em evidência as formas supostamente tradicionais do associativismo e o papel das lideranças.¹⁵ Trata-se, no entanto, de uma narrativa que romantiza e isola o associativismo da geografia social maior da qual ele faz parte, formada também por fatos e processos de outras escalas, nacionais e internacionais, por exemplo. A intenção de situar nessas tradições associativistas as bases da “verdadeira democracia” no país¹⁶ leva a desconsiderar o fato de que elas também configuram espaços de construção de hierarquias e de posições de poder, um universo formado em múltiplas escalas, no qual alguns indivíduos (os líderes) desenvolvem atividades de mediação, transitando entre elas, regulando a circulação de pessoas e recursos.

A distância crítica do texto aqui apresentado em relação a essas narrativas que estigmatizam ou romantizam locais como Bel Air se fundamenta em nossa pesquisa etnográfica. A observação prolongada da vida cotidiana e das formas de sociabilidade, a participação em

¹⁴ Exemplos recentes dessa narrativa podem ser lidos nos títulos dos livros de Etienne (2007), Fatton (2002) e Wargny (2004), entre outros. Lundahl (p.e., 2011) é quem mais desenvolve as relações entre “subdesenvolvimento” (carência de Estado etc.) e “violência”. Para uma análise crítica dessa narrativa da carência, da ausência, da predação e da violência, ver Evangelista (2010). É preciso notar que essa forma de ver o Haiti está presente inclusive em certos documentos da UNDDR, nos quais, por exemplo, se fala da “Psiche violenta haitiana” (UNDDR 2006). Para uma visão das representações da pobreza haitiana por parte das elites, ver Thomaz (2005).

¹⁵ Ver, entre outras, Smith (2001), Greene (1993), Laguerre (1975), Michel (1997), Smart (1988).

¹⁶ Costuma se mencionar, nesse sentido, o fato, certamente relevante, de que, na Constituição promulgada em 1987, após o fim da ditadura Duvalier, se reconheceu, pela primeira vez, o direito dos cidadãos a criar associações.

conversas, a realização de entrevistas em profundidade que permitem reconstruir trajetórias pessoais e grupais, associadas à consideração de outros dados oriundos de uma série diversa de fontes, permitiram construir uma visão nuançada e complexa das formas de associação e de autoridade em Bel Air. Aqui, as lideranças aparecem próximas do mundo ao qual pertencem, das expectativas que as pessoas têm de melhorar as suas vidas.¹⁷ Assim, esboça-se a história social e cultural recente da região, uma história não linear e polifônica, que apresenta tradições associativas, conflitos, uso de armas, mudanças nas modalidades de distribuição de recursos, em conjunto com a formação das famílias, a construção de laços de afinidade e de inimizade entre as pessoas, a formação de sentimentos de expectativa e de frustração.¹⁸

O nosso ponto de partida foi, assim, o de situar as lideranças no universo social de Bel Air e, mais especificamente, no universo das formas de autoridade e de associação da área. Desse modo, podemos observar a figura do “líder comunitário” [*lidè kominotè*] junto com outras figuras das quais, segundo os contextos e os pontos de vista, ele algumas vezes se distingue e com as quais, outras tantas, se confunde. Trata-se de figuras como, entre muitas outras, *lidè, notab, grannèg, chèf, chèf konbit, prezidan, samba, boss, soldà, kowonel, lidè amè, bandi, ajan lyezon*, ou *pwofesyonèl du developman*. Essas figuras, por sua vez, aparecem vinculadas a uma série de formas de associação, como também entre muitas outras, *komytè, kombit, atribisyon, tètansanm, ti leglise, organisasion populè, brigad vijilans, lakou, katye, group rara, gang, zenglendo, gueto* ou *baz*.¹⁹

Para compreender o universo social da liderança em Bel Air, nos propusemos a: 1) reconstruir as trajetórias sociais das lideranças; 2) mapear o campo semântico dos termos utilizados para designá-las; 3) relacionar as lideranças com as diferentes formas de associação que as reconhecem e nas quais elas participam; 4) examinar as formas de sociabilidade em meio às quais lideranças e associações são criadas e recriadas; 5) analisar os vínculos entre lideranças, associações e territorialidade, elaborando uma cartografia social da política local; 6) observar as relações entre a construção das lideranças e as configurações familiares, incluindo relações

¹⁷ A respeito das “expectativas de modernidade” em um contexto, em vários sentidos, semelhante ao haitiano, ver Ferguson (1999).

¹⁸ Como veremos, o termo *fristrasyon* ocupa um lugar importante na economia política do conflito e da distribuição de recursos em Bel Air.

¹⁹ Por enquanto, basta notar que esses conjuntos de termos se referem, de maneira genérica, a pessoas com autoridade e a associações entre pessoas. A polissemia e a contextualidade próprias de cada uma dessas expressões nos impede de indicar expressões equivalentes em português. Mais do que “traduzir”, trata-se, ao longo desse texto, de compreender o que tais termos significam no fluxo da vida das pessoas para as quais, justamente, eles fazem sentido.

de gênero e de geração e, por último, 7) considerar os vínculos entre as formas de autoridade local, as instâncias do governo, as redes políticas nacionais, as agências internacionais e as ONGs. O fato de lidarmos com a experiência social de mais de uma geração de pessoas permitiu situar esses assuntos sempre no tempo, considerando também a sua dimensão histórica.

O texto aqui apresentado está centrado nas próprias lideranças e na população de Bel Air, mas incorpora igualmente as visões de outros agentes que fazem parte do universo analisado, como os funcionários do governo, de agências internacionais e de ONGs, por meio da observação das suas atividades, de entrevistas e do exame de documentos escritos.

A pesquisa foi realizada entre junho de 2010 e junho de 2011 por uma equipe do Núcleo de Pesquisas em Cultura e Economia (NuCEC), sediado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.²⁰ Ela beneficiou-se do contato que mantemos com a região desde 2007, quando começamos a desenvolver o projeto “Moedas, Mercados e Nações. Uma etnografia do/no Haiti em perspectiva comparada”.²¹ Foi igualmente favorecida pela participação de três dos seus membros nas atividades de auxílio às vítimas do terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010.²² A organização de acampamentos de desabrigados, a distribuição de recursos e a realização de censos da população atingida em Bel Air aproximaram os pesquisadores, numa situação extrema como esta, do universo social das autoridades e das organizações locais. Isso fundamentou igualmente a escolha de dois terrenos privilegiados para a observação da ação das lideranças, das associações locais e das interações entre estas últimas e as agências internacionais. Esses dois terrenos privilegiados consistiram nos campos de refugiados situados no centro de Bel Air: Asile Communale e Parc-Place de la Paix. A etnografia nos campos permitiu deslocar o foco do ponto de vista das lideranças para aquele da população, fornecendo dados preciosos sobre o lugar das primeiras e de outros agentes (como o governo, as agências internacionais e as ONGs) no dia a dia da vida das pessoas, fornecendo, ainda, uma visão sobre as expectativas e os julgamentos da população e das lideranças a respeito da ação desses outros agentes.

²⁰ A equipe foi composta por sete membros. Além dos três autores deste texto, dela fizeram parte, como assistentes de pesquisa, Handerson Joseph, Herold Saint Joie, Jean Luis Sergo e Jonhy Fontaine.

²¹ O projeto, coordenado por Federico Neiburg, conta com apoio do CNPq e da Faperj e está igualmente ligado ao Laboratório “Economia, Moeda, Mercado” do Institut Interuniversitaire de Recherche et Développement (INURED, Haiti). Este texto dá continuidade a duas parcerias anteriores entre a nossa equipe e o Viva Rio: Neiburg e Nicaise (2009, 2010).

²² Pedro Braum Azevedo da Silveira, Jean Luis Sergo e Jonhy Fontaine.

A investigação etnográfica concentrou-se em dois períodos: julho/agosto de 2010 e fevereiro/março de 2011. Nesse tempo: a) convivemos cotidianamente com as lideranças e com a população da área, b) participamos de várias reuniões de associações locais, como comitês, igrejas, grupos *raras* e *baz* e c) reconstruímos, por meio de longas entrevistas, as trajetórias de 41 lideranças, o que nos permitiu discutir, como se verá na próxima seção deste trabalho, entre outras coisas, o peso das variações etárias e de gênero no universo das lideranças, a importância da formação escolar, as configurações familiares dos líderes, as atividades desempenhadas e as qualificações adquiridas tanto por eles quanto por seus pais.

II. O universo das lideranças

A escolha das 41 pessoas sobre as quais reunimos dados exaustivos em relação às suas trajetórias sociais respondeu antes a critérios propriamente qualitativos do que estatísticos. A experiência etnográfica nos indicou que não deveríamos tentar construir amostras a partir de conjuntos formalmente constituídos de antemão, como poderia ter sido o caso, por exemplo, dos membros dos comitês locais ou dos signatários dos Acordos de Paz.

Se fossemos pensar nos comitês, quais deveriam ser considerados? Aqueles cuja existência é reconhecida pelo governo, mediante o carimbo do Ministério de Assuntos Públicos, na ata de sua fundação? Seria correto considerar esses comitês oficialmente reconhecidos como aptos a intermediar recursos do Estado e das agências de cooperação junto a outros agrupamentos? Que validade teria uma amostra na qual estivessem lado a lado, por exemplo, igrejas, associações ligadas à música e ao vodu (notadamente os grupos *rara*, por exemplo) ou, mais genericamente, às *baz* [bases] – essa unidade-chave da sociabilidade e da política na área à qual nos referiremos em extenso mais adiante?

De fato, no plano das lideranças, a questão da representatividade envolve não somente uma questão metodológica. Trata-se de um assunto crucial para as próprias lideranças e para as políticas que as atingem. Um exemplo: em 2008 e 2009, tivemos a oportunidade de acompanhar algumas reuniões visando à formação do “Fórum de Associações e Lideranças de Bel Air”, promovido pela CNDDR. A iniciativa de criação do referido Fórum não prosperou, mas a observação da dinâmica dessas reuniões, nas quais se discutia sua abrangência territorial (quais eram as fronteiras de Bel Air?) e quais seriam os critérios de inclusão (que associações

deviam fazer parte do Fórum?) nos mostrou, mesmo antes de formalmente iniciada esta pesquisa, que a representatividade, para além de uma questão metodológica para nós, configura um assunto-chave para as próprias lideranças.²³

Por outro lado, uma das primeiras impressões que tivemos no terreno foi justamente a da proliferação de associações e de comitês. Quando ainda não estávamos interessados especificamente nas lideranças, o fato de estarmos fazendo pesquisa na área aliado à nossa qualidade de estrangeiros, mobilizava de imediato uma estrutura capilar de organizações e de “notáveis” dos diferentes blocos e corredores que improvisavam assembleias e reuniões para nos receber. Essas situações, geradas por nossa presença por si só, seguiam uma ritualística que repetimos agora, nessa pesquisa, inúmeras outras vezes: a reunião é iniciada com uma prece; lavra-se uma ata no livro; os membros da associação discursam sobre os seus objetivos, enfatizando a sua importância para melhorar a vida das pessoas e a situação de carência na qual vive a população; em seguida, nós nos apresentamos; abre-se uma discussão que, em várias ocasiões, é encerrada com outra prece. O objeto da discussão geralmente surgia da interrogação a respeito dos objetivos de nossa equipe e da natureza do nosso vínculo com o Viva Rio, o que, em geral, acarretava o esclarecimento de que não éramos funcionários da ONG e, sendo assim, não podíamos intervir na elaboração de “projetos de desenvolvimento” local ou dar qualquer tipo de “ajuda” ao comitê – o que claramente era a expectativa deles. No máximo, indicávamos a nossa disposição em servir como correia de transmissão das necessidades e das expectativas da associação, o que fazia sentido para todos, propiciando um acordo; algo que, de fato, algumas vezes, teve consequências posteriores na relação de algumas das associações com as quais criamos laços ao longo da pesquisa de campo com a ONGs.

A proliferação de associações explica-se em parte pelas trajetórias dos seus integrantes e pelos ritmos dos vínculos entre eles e seus “parceiros” nacionais e internacionais. Isso também faz com que, por certos, períodos as associações possam permanecer em estado letárgico até serem acionadas em função de novos fatos que mobilizam a expectativa de se desenvolver um projeto, de se intermediar um recurso ou de se criar um contato. Mas além de se proliferarem, as associações estão organizadas de acordo com lógicas diversas que introduzem diferentes referenciais territoriais, fazendo com que os seus membros possam pertencer, ao mesmo tempo, a mais de uma associação ou, ainda, a instâncias maiores como as associações de

²³ Na época, acompanhamos de perto também, junto com uma equipe do INURED, a criação bem-sucedida de outro fórum, em Cité Soleil. Isto reforçou a nossa impressão a respeito da complexidade do universo da representação política local.

associações. Por exemplo, é frequente a situação na qual uma associação, o *comitê da rua X*, por exemplo, está total ou parcialmente incluída numa outra associação, o *comitê do bairro Z*. Estas últimas, por sua vez, ainda podem fazer parte de associações de associações, que recobrem, segundo os mesmos princípios, territórios ainda mais extensos.

Ser membro de um comitê, participar de uma associação ou ter no horizonte vital a possibilidade de fazê-lo faz parte da vida dos moradores de Bel Air e, muito especialmente, daquela das pessoas que se reconhecem ou são reconhecidas como líderes. De fato, todas as 41 lideranças da nossa amostra têm ou tiveram, ao longo de sua trajetória, vínculos mais ou menos fortes com uma ou várias associações.

O conjunto dos signatários dos Acordos de Paz certamente oferece uma amostra de lideranças. Mas a pesquisa não podia se restringir a ela por razões que, novamente, mais do que remeterem à metodologia, revelam aspectos cruciais do universo da própria pesquisa. O crescimento anual do número de signatários dos Acordos exprime mudanças nos princípios de reconhecimento das lideranças, colocando em evidência o fato de que a qualidade de líder é basicamente contextual. Além disso, permite vislumbrar outra característica deste universo: ele está sempre em movimento, pautado pelo transcurso das vidas (e das mortes) das pessoas e pela mudança nas configurações e nas redes das quais fazem parte: o início de uma política, o advento de um projeto, a conformação de uma determinada rede em relação à distribuição de um determinado recurso, a irrupção de um conflito, o desfecho de uma ação violenta etc.

A percepção dessas dimensões estruturantes do universo da liderança (seu caráter temporal e contextual) foi reforçada pelo procedimento etnográfico que orientou a construção das 41 trajetórias, segundo o qual nos deixamos levar, de maneira metodologicamente controlada, pelas próprias redes de sociabilidade e pelo interesse que a própria pesquisa suscitava entre os nossos interlocutores no campo. Em mais de uma ocasião, este *modus operandi* nos evidenciou o fato de que uma pessoa que, numa determinada situação, nos era apresentada como “um líder que deve ser entrevistado”, em outra ou do ponto de vista de outra pessoa, podia não ter tal qualidade reconhecida, colocada em questão ou, ao contrário, ser objeto de uma acusação (como, por exemplo, “ele não é uma liderança, é um bandido”).

De qualquer forma, por meio do procedimento etnográfico adotado, segundo o qual éramos conduzidos pelas próprias redes de sociabilidade no campo, chegamos a vários signatários dos acordos. Dentre as 41 trajetórias que reconstruímos em profundidade, contam-se quatro lideranças que faziam parte do grupo dos 12 assinantes do Primeiro Acordo de Paz (2007) e 12 que integravam o conjunto das 77 lideranças que assinaram o Acordo IV, ainda no período da

pesquisa (em maio de 2010). Por outro lado, segundo a sua própria identificação, os 41 entrevistados em profundidade distribuem-se do seguinte modo por zonas: Bel Air: 16; La Saline/Forturon: 11; Delmas 2: 6; Portail Saint Josef/Tokyo: 3; Fort National/Corridor Bastiat: 3; Solino: 1; e Warf Jeremie: 1.

A primeira porta de entrada nesse universo centrou-se nas lideranças que conhecíamos anteriormente a partir da nossa presença e das nossas investigações prévias na área. Graças a essa experiência anterior, quando elaboramos o plano da pesquisa aqui apresentada, tínhamos noção da diversidade do universo dos líderes. Isto fez com que, desde o início, tentássemos considerar algumas variações significativas em termos de idade, gênero, formação, proximidade real ou atribuída das armas, das igrejas e do vodu, do mercado e do sistema da cooperação internacional — especialmente o VR, cuja ação na área era cada vez mais visível e intensa.

Como já dissemos, o início da pesquisa de campo ocorreu em junho de 2010. Por vicissitudes que se explicam por nosso próprio envolvimento anterior na zona, três membros da equipe estavam em Bel Air durante o terremoto de janeiro de 2010, dois haitianos e um brasileiro, e se envolveram de imediato nas tarefas de assistência às vítimas. A rede de funcionários e de pessoas ligadas ao Viva Rio passou a se articular imediatamente com as ações da própria população. Tal articulação aconteceu naturalmente e de forma espontânea, a partir do momento da tragédia, uma vez que o VR já fazia parte da paisagem social da zona. Em *Kay Nou*, a sede da ONG em Bel Air, logo se formou um acampamento de refugiados que, em poucos dias, contava com mais de 2 mil pessoas organizadas em tendas, recebendo água, comida e primeiros auxílios (foto@).

O pesquisador brasileiro permaneceu no Haiti até agosto de 2010. Durante esse tempo, de certo modo, deixou de ser pesquisador e se transformou em funcionário do VR, representando a ONG em reuniões com lideranças locais e com as agências de intervenção, coordenando ações, recebendo reclamações e demandas, discutindo problemas e organizando atividades (como o censo e a realocação dos acampados em *Kay Nou*). O contato com os líderes que participaram dessas iniciativas certamente influenciou na escolha de alguns dos 41 entrevistados. Ao mesmo tempo, essa história em comum, ligada a uma experiência dolorosa e extrema como a do terremoto, inseriu o pesquisador — e com ele toda a nossa equipe — numa rede de sociabilidade ainda mais densa, o que nos permitiu enxergar outras dimensões, mais íntimas, da autoridade e da vida social na área, que serão analisadas na Seção III do texto. Vejamos, agora, em detalhes algumas características sociais e pessoais das lideranças.

1. Idade

O mais jovem do conjunto das 41 lideranças das quais reconstruímos trajetórias completas tinha 25 anos, os dois mais velhos, mais de 60. Como sabemos, embora os critérios que definem sociologicamente uma geração não sejam exclusivamente etários, *grosso modo*, podemos identificar duas gerações de lideranças: a primeira, englobando pessoas que tinham entre 25 e 39 anos, e a segunda, indivíduos com mais de 40 anos de idade. Entrevistamos 17 pessoas da primeira e 22 da segunda geração.

Como veremos, as lideranças mais velhas formaram-se ainda durante (ou pouco depois do) o “primeiro Aristide” (i.e., na década de 1990). Muitos tinham integrado o movimento Fanmi Lavalas, alguns tendo participado da luta armada que se seguiu à deposição do “segundo Aristide”, em 2004. Os líderes mais jovens formaram-se na década de 2000, eram ainda bastante jovens nos “tempos da violência” e cresceram com a presença da MINUSTAH e das agências de “desenvolvimento”. No entanto, é preciso observar que o universo social das lideranças não se estrutura somente a partir da história política. Como veremos a seguir, vários outros elementos são igualmente relevantes.

A maioria dos entrevistados começou a ser reconhecida como líder quando estava na faixa dos 20 anos de idade. A liderança parece ser, desse ponto de vista, um atributo da juventude.²⁴

2. Local de nascimento

Segundo o censo realizado pelo Viva Rio, em 2007 (a partir de agora, CVR-2007), 63% da população total da grande Bel Air nasceram em Porto Príncipe, mas o enorme peso da migração na área é melhor percebido quando se observam diferentes faixas etárias. Considerando-se aqueles com mais de 25 anos, a proporção de líderes nascidos na zona metropolitana da cidade cai para 40%. Do total de lideranças entrevistadas, 34 declararam ser de Porto Príncipe, i.e. 82% do total de 41 – o dobro do que indica o Censo para a população total.²⁵

²⁴ É preciso lembrar um dado disponível sobre o Haiti que certamente vale também para Bel Air: a expectativa média de vida da população é de 57 anos.

²⁵ O mesmo não acontece com a geração anterior, na qual a força da imigração para a cidade é bem mais perceptível: só 14 mães e 16 pais dos nossos entrevistados são oriundos da zona metropolitana de

Sublinhamos o verbo “ser” para destacar três elementos cruciais da liderança: pertencimento, reconhecimento e identificação. O líder pertence à sua base e é por ela reconhecido. Ao mesmo tempo, ele é igualmente reconhecido e identificado como tal por entidades de maior escala no plano da política nacional e da cooperação internacional. Essa dinâmica de reconhecimento/ identificação “de cima” objetiva-se nos gestos, na oratória, na dinâmica grupal, na capacidade de mobilizar pessoas pela fala e de reunir moradores em reuniões. Ela também é visível nos corpos das lideranças, nos crachás que exibem como colares e como autênticos documentos de identidade, denotando algumas de suas posições: o cargo em um comitê ou numa associação de comitês, o vínculo com uma instância do governo (a Prefeitura, o Ministério de Assuntos Públicos), a função numa agência internacional de cooperação ou numa ONG (foto@).

En creole, a pergunta pelo local de nascimento, em geral, é formulada do seguinte modo: *kibò ou fèt?*, cuja tradução literal seria algo como “onde você foi feito”. A resposta *mwen fèt bèlè* (fui feito em Bel Air) não se refere necessariamente ao local de nascimento biológico (que pode ter sido fora de Bel Air), e sim ao fato de se ter sido “feito” no local, de se sentir e de ser reconhecido como alguém de lá, que lá se fez pessoa. Mas ao mesmo tempo, além de uma manifestação de pertencimento e de afirmação pessoal, a resposta *mwen fèt bèlè* (ou seu equivalente *mwen moun bèlè*, “eu sou de Bel Air”) também pode exprimir, dependendo do contexto, uma vontade de reconhecimento.

Como mostraremos mais adiante, ao examinarmos trajetórias de lideranças que nasceram em Bel Air, mas cresceram fora da área e a ela retornaram por meio de laços com agências de cooperação internacional (inclusive, com o próprio VR), no universo dessa pesquisa sobre “lideranças em Bel Air” (como nossa investigação era apresentada no campo) vinculada ao VR — que, como todos sabem, desenvolve projetos na área — declarar “ser de Bel Air” ou “ter sido feito” na área significa afirmar uma qualidade que pode ser apreciada pela ONG e que poderá inclusive pesar em um eventual recrutamento — uma identificação que, como veremos, às vezes, significa um ponto de inflexão na própria feitura do líder.

3. Instrução

Porto Príncipe, aproximadamente a metade do que se verifica na geração dos filhos por nós entrevistados.

Quando observamos o nível de instrução dos 41 entrevistados, surge a forte evidência de que se trata de um grupo bastante qualificado em relação à população da área. Segundo o CVR-2007, 10.3% dos habitantes da grande Bel Air nunca foram à escola, 20.3% terminaram o ciclo primário, 13.4% o secundário e 3.5% concluíram estudos universitários. Em contraposição, todos os nossos 41 entrevistados (100%) concluíram estudos primários, 23 deles (56%) iniciaram e 12 (29%) concluíram o ciclo secundário e quatro completaram estudos universitários (quase 10 % do total).

No plano educacional, a distância entre essas 41 lideranças e a população da área é enorme; os líderes de Bel Air tendo uma carreira no sistema escolar claramente mais longa do que a média dos vizinhos. A partir destes dados, podemos afirmar que a instrução é um princípio de construção da liderança e, mais ainda — como veremos analisando algumas trajetórias — que as carreiras educativas e as trajetórias pessoais dos líderes parecem ser mutuamente influenciadas – e isto, independentemente de outros elementos do perfil dos 41 entrevistados, dentre os quais, como já dissemos, tínhamos um pouco de tudo: membros de comitês, signatários de acordos de paz, antigos combatentes, pessoas que em determinados contextos são ou foram qualificadas como bandidos. Na escala de Bel Air, e em um mundo como o haitiano, no qual o capital escolar é um bem extremamente escasso, a escola faz enorme diferença.²⁶

4. Ocupações dos pais

As trajetórias ocupacionais dos pais das 41 lideranças colocam em evidência uma dinâmica generalizada na área e que não pode ser capturada estatisticamente: aquela das oportunidades e das ocupações múltiplas e eventuais, da instabilidade no trabalho e dos “bicos”, nos quais se faz ou se pode fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Para os moradores de Bel Air, entre os quais, segundo alguns cálculos, 80% estão “desempregados” (i.e., que nasceram e cresceram nessa dinâmica), qual pode ser o sentido de termos como “ocupação”, “profissão” ou “emprego”?

Alguns dados estatísticos, no entanto, são significativos. Se observarmos as mulheres, vemos que 44.7% das entrevistadas no CVR-2007 declararam-se comerciantes. Uma proporção elevadíssima, que revela não somente uma questão de gênero, referente ao caráter feminino

²⁶ Segundo o relatório do PNUD de 2005, a taxa de alfabetização das pessoas entre 15 e 24 anos é de 66,2%.

do mercado, mas aponta também, e de forma mais ampla, para a importância do comércio na vida social haitiana.²⁷ Se a lente recai sobre as mães dos nossos entrevistados, constatamos que a proporção é ainda maior: 32 delas (78.8 % de 41) são ou foram “comerciantes” ou “fazem comércio”, expressões que englobam diversas atividades e recursos de diferentes escalas, referindo-se, contudo, genericamente, ao universo dos pequenos negócios (*peti bisnis*) e dos pequenos ganhos (*fè peti*) que permitem a sobrevivência cotidiana de boa parte da população que sobrevive com muito pouco dinheiro, não tendo emprego, nem salário.²⁸

Quando se olha para as atividades dos pais, acentua-se a percepção (já apontada em relação ao nível de instrução) de que estamos diante de pessoas com recursos relativamente altos num universo de carências extremas. E quando se fala em recursos é sempre importante lembrar que não nos referimos simplesmente a salário ou renda, mas também (e, muitas vezes, principalmente, em um mundo como esse, no qual o dinheiro é tão escasso) a vínculos pessoais, a possibilidades de acesso a contatos em outros circuitos e escalas.

Os pais de sete indivíduos do nosso conjunto de 41 (i.e., 17%) foram militares. Trata-se de um dado que ganhará ainda mais densidade nas próximas seções desse texto, quando falaremos sobre a importância da proximidade com as armas na construção da liderança, sobre o efeito da dissolução do exército (em 1995) na criação de uma grande massa de desempregados — entre os quais a frustração substituiu o sentimento de orgulho profissional e nacional que acompanhava o emprego estável no Estado — e também do peso que a proximidade dos pais com a política, o contato “com o palácio” (de governo) ou o acesso ao círculo do presidente tiveram nas trajetórias de alguns líderes.

Entre os pais dos indivíduos que compõem o nosso conjunto de 41 lideranças, há ainda outros seis que parecem compartilhar esse sentido genérico da proximidade com a política: um “político”, um advogado, um segurança, dois *makouts*,²⁹ e um motorista (de Jean Claude Duvalier).³⁰

²⁷ Ver, especialmente, Mintz (1959 e 1960) e Neiburg (2010).

²⁸ Segundo o CVR-2007, em Bel Air, 78% das famílias têm uma renda mensal per capita menor do que 43 dólares, 37.6% ganhando menos de um dólar por dia. Esses dados são consistentes com os do último relatório do PNUD (2005), que indica que 75% da população do país sobrevivem com menos de 2.5 dólares diários.

²⁹ *Tonton makout*, assim eram chamados os integrantes da Milice de Volontaires de la Sécurité Nationale (MVSN) criada por François Duvalier. Mas o termo *makout* não é usado somente para designar indivíduos armados que cometiam atos violentos em defesa do regime, mas também, em termos mais gerais, pessoas partidárias ou que davam apoio local a Duvalier (ver, p.e., Trouillot 1990).

³⁰ As outras atividades dos pais distribuem-se do seguinte modo: dois pastores, um músico, dois vendedores de loteria (*bolette*) e, pelo menos, seis cujas profissões (marceneiro, mecânico, cabeleireiro)

A proximidade com a política entre os progenitores dos nossos 41 entrevistados estende-se, em alguns casos, também às mães. Em suas histórias de vida, várias lideranças descreveram o nascimento do seu próprio interesse pela política como uma herança de suas mães e lembraram atividades que elas desenvolveram na infância ou juventude (foi o caso, por exemplo, de um entrevistado cuja mãe foi sindicalista).

Por outro lado, a própria condição de “filhos” e “irmãos” das 41 lideranças que entrevistamos em profundidade, obriga-nos a situá-las no universo de suas configurações familiares.

5. Família, gênero e local de moradia

As unidades residenciais em Bel Air são bastante diferenciadas. No setor alto, predominam construções de alvenaria de dois e três andares, com várias habitações; quanto mais avançamos em direção à baixa Bel Air, nas regiões mais pobres perto do mar, as residências passam a ser somente térreas, com materiais mais precários, e tendem a ter somente uma habitação. No entanto, o limite dessas habitações não corresponde àquele das unidades sociais lá residentes. Conjuntos de habitações podem estar ocupados por pessoas que se reconhecem como pertencentes a uma mesma família, tal como alguns corredores ou *lakous*.³¹ Em muitos casos, o local para elaboração da comida e consumo dos alimentos situa-se fora das habitações, no corredor ou na rua; as cozinhas domésticas confundindo-se com o comércio da comida já preparada (como os *chen janbè*, por exemplo). As residências são também flexíveis no sentido de que, nelas, as pessoas não somente moram; por elas, as pessoas também passam: mulheres comerciantes que viajam (entre Porto Príncipe e o interior, entre Porto Príncipe e as capitais comerciais haitianas situadas fora do país, como Miami, Santo Domingo ou Panamá); homens que emigram para trabalhar na República Dominicana ou que moram nos Estados Unidos e voltam eventualmente ao país (todas as 41 lideranças entrevistadas

apontam para o extenso universo dos ofícios onipresentes nas ruas e corredores de Bel Air: oficinas de artesanato, oficinas mecânicas, padarias, casas de beleza etc.

³¹ *Lakou* é a unidade social básica da organização social rural haitiana (Bastien (1985), Barthélemy (1989), Herskovits (1965 [1937]), Lowenthal (1987), Moral (1961)). Trata-se de um espaço que é, ao mesmo tempo, familiar e ritual, lugar de residência da família extensa, dos seus santos (os *lwas* do vodu) e dos ancestrais (tradicionalmente, no *lakou*, descansam os mortos das famílias). Sobre *lakous* urbanos há muito menos literatura disponível. A exceção consiste em Marcelin (1988).

tinham irmãos, pais ou filhos no exterior³²); jovens que moram no campo e que passam dias ou temporadas na cidade, na residência de parentes.

Muitas unidades residenciais giram em torno de mulheres.³³ Elas tomam conta dos filhos, aprovisiona diariamente os mais novos com os meios de subsistência (num ambiente de extrema pobreza como esse, estamos falando basicamente de comida e água). A maior parte das 41 lideranças entrevistadas, cresceu morando com as mães, sem os pais ou com cônjuges da mãe que não eram seus pais biológicos. Quase todos eles têm irmãos de pais e mães diferentes.

Anteriormente, mencionamos que vários dos pais das 41 lideranças entrevistadas em profundidade estavam ligados de alguma forma ao Estado, ao governo ou à política. É preciso acrescentar que muitos deles jamais moraram com seus filhos. Alguns dos líderes mantiveram relação com seus pais ao longo da vida, outros não os conheceram ou cortaram relações após a separação do casal. Apesar de, muitas vezes, não terem sido oficialmente reconhecidos como filhos por seus pais, ou de muitas das mães não serem suas mulheres oficiais ou, ainda, da casa parental não ser a sua principal residência, vários desses pais colaboraram na formação dos filhos, se encarregando de despesas ocasionais ou permanentes ligadas ao custeio da educação.³⁴ Tudo indica que, independentemente da continuidade da relação pessoal com seus pais, o simples fato de ser filho de alguém com poder e circulação em outras esferas fez diferença na trajetória de algumas lideranças. É isto que nos deixa ver um de nossos entrevistados, ao lembrar que seu pai, com quem afirmava quase não ter tido relação, foi coronel do exército, segundo ele, um verdadeiro *granchèf* [grande chefe]. Como já dissemos, a escolha das lideranças a serem entrevistadas esteve marcada pela dinâmica das nossas atividades e da nossa sociabilidade no campo. A equipe de pesquisa esteve conformada por seis homens e uma mulher, sendo que a maior parte da etnografia foi feita só por homens. Isso nos inseriu basicamente em redes masculinas e certamente influenciou o fato de, no conjunto dos entrevistados, só haver três mulheres. Mas o predomínio dos homens explica-se também pela estrutura tradicionalmente masculina da liderança – como se comprova, aliás, observando os signatários dos Acordos de Paz de Bel Air; as primeiras lideranças comunitárias mulheres só aparecendo no terceiro Acordo III (das 29 assinaturas, três eram de mulheres).

³² A relação com os emigrados é crucial para compor a renda das famílias haitianas no Haiti e muito especialmente das famílias mais pobres. Segundo cálculos do PNUD de 2006, as remessas internacionais compõem o primeiro item do PIB haitiano.

³³ A literatura que trata desses assuntos fala de famílias “matri-focais”. A este respeito, ver Marcelin (1988).

³⁴ É preciso lembrar que, no Haiti, toda a educação é paga, incluindo a educação pública.

As relações de gênero no universo das lideranças colocam várias questões e, principalmente, exigem que observemos os fatos no tempo, percebendo as mudanças. Como já indicamos (e voltaremos ao assunto), na base da construção das lideranças operam mecanismos de pertencimento, reconhecimento e identificação. São esses mecanismos que explicam, por exemplo, a existência de lideranças mulheres em associações de mulheres (algo bastante frequente, como veremos) ou a promoção das lideranças femininas por meio de políticas de identificação e de formação desenvolvidas pelas agências internacionais e pelas ONGs, muitas vezes implícita ou explicitamente preocupadas com questões como a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres – além do próprio Estado haitiano que, em sintonia com as exigências dos doadores, criou um Ministério da Condição Feminina.

Além disso, dois elementos influenciam claramente essa incipiente “ascensão” feminina na liderança: a relativa pacificação, relegando a posições menos centrais as redes armadas de líderes homens, e a conseqüente valorização dos capitais escolares e de formação (notadamente cursos técnicos), nos quais as mulheres de Bel Air têm intensa participação.

Nas seções seguintes, voltaremos a estas questões. Poderemos, então, abordar com mais elementos as oposições de gênero que parecem caracterizar o espaço social haitiano, a ideia de que, tradicionalmente, os homens se ocupam do trabalho agrícola e da política, e as mulheres da casa e do mercado.³⁵ Tal configuração, que pode ter sido relativamente válida para o âmbito rural, certamente precisa ser complexificada, ao se observarem contextos urbanos como Bel Air, nos quais os homens, na sua maior parte não assalariados, orientam-se à rua (convertida em mercado), ocupando-se de pequenos bicos, criando e tentando maximizar as oportunidades abertas pela intermediação de recursos e, além disso, fazendo “política” em relação ao “desenvolvimento”. Essa possibilidade não está fechada para as mulheres., muito ao contrário, tal como demonstram a importância crescente das qualificações profissionais e as políticas explícitas de reafirmação de gênero por parte das agências que agem no local, identificando e criando novos perfis de lideranças. Essa dinâmica complexa, na qual se relacionam territórios, gerações, gêneros, atividades e agências, será melhor compreendida mediante a análise das dimensões da liderança que apresentamos na seção seguinte.

³⁵ Ver Mintz (1971).

III. As dimensões da liderança

Podemos agora precisar o objetivo desta pesquisa. Não se trata de produzir uma definição de líder, nem tampouco uma tipologia de lideranças. Trata-se antes de compreender as dimensões que organizam o universo das lideranças, as modulações em pessoas e situações de um conjunto complexo e articulado de propriedades sociais, emoções, formas de ser, de agir e de se relacionar com os outros, que fazem de alguém um líder, reconhecido e identificado como tal em determinados contextos e interações – como já dissemos, pode haver liderança numa situação de interação ou escala de ação e não em outra; as pessoas se transformam em líderes (não nascem líderes), algumas delas deixando de sê-lo.

Nesta seção, abordaremos três dimensões centrais da liderança: a territorialidade, os recursos e a relação entre política nacional e ajuda internacional. Para examinar a primeira delas, descreveremos os sentidos de uma palavra-chave do vocabulário dos líderes, a palavra *baz* [base] – um termo polissêmico que designa: a) o lugar de pertencimento do líder, b) um espaço de sociabilidade, a sua galera, c) o domínio sobre uma determinada área, e d) um ator que, em determinados contextos, notadamente de conflito, sente e age, toma posições, ataca ou se defende, inclusive militarmente. Podem ser chamados de *baz*, os comitês, os grupos *rara*, as redes de amigos e outras formas de associação. Em todas elas, operam os mesmos dois princípios: a segmentaridade e a soberania. O primeiro termo indica que: a) há bases de escalas diferentes (a palavra pode designar um *katye*, um *bloc*, um *kwen*), b) as bases se definem e existem relacionalmente, não de maneira isolada, desenhando um campo de afinidades e solidariedade, concorrência e conflitos, e c) as bases relacionam-se entre si de maneira distinta segundo as escalas; por exemplo: duas delas que, na escala relativamente pequena de um mesmo *bloc*, estão em conflito, podem se aliar numa guerra de escala maior – esse foi o caso justamente da série de atos armados que haviam ocorrido pouco antes da assinatura do Primeiro Acordo de Paz, em 2007, entre as bases *Bel Air* e as *Delmas 2*, ao mesmo tempo em que aconteciam conflitos “internos” entre bases *Delmas 2*. Nesse jogo de uniões e divisões, criam-se novas bases, algumas crescem em escala (suas lideranças passam a influenciar ou controlar territórios maiores) e outras perdem força.

Por outro lado, em toda base (de um grupo *rara*, uma galera de amigos, uma associação de desenvolvimento local ou uma base armada, por exemplo) há uma questão de soberania, algum tipo de controle sobre o território que pode se manifestar através da proteção e do conhecimento das necessidades da população, da tentativa de se criar soluções para os

"problemas", ajudando a comunidade e eventualmente entrando em conflito com outras bases. Por essa razão, uma das atividades básicas das lideranças, nas quais investem boa parte da sua energia todos os dias, é a geração e a distribuição de recursos: alimentos, dinheiro, empregos (basicamente temporários e instáveis) e serviços (internet, eletricidade para carregar celulares, ajuda em caso de necessidade, contribuindo com o pagamento da escola ou de medicamentos, por exemplo), mas também amigos e perspectivas de futuro.

O fato é que as pessoas, em Bel Air, exprimem o desejo de “melhorar” suas vidas. A existência das próprias lideranças é, em grande parte, um produto dessas expectativas e, por essa razão, elas são frequentemente cobradas por suas bases. Às vezes, um aumento no fluxo de recursos (como foi o caso no contexto do pós-terremoto, ao qual nos referiremos em seguida) estimula ainda mais o sentimento de exclusão daqueles que ficam fora do circuito, exaltando os ânimos, tensionando a relação com as lideranças e alterando as relações de força entre líderes antigos e novos – no campo, observamos, inclusive, como o aumento do fluxo de recursos (e não só o agravamento das carências) obrigou algumas lideranças a deixar os seus locais de origem ou a frequentar menos determinadas ruas e corredores devido às ameaças dos que não foram incluídos nos programas de ajuda.³⁶

O termo em creole que melhor descreve essa mescla entre expectativas não cumpridas e ameaças é *frystration* [frustração]. Ele indica um estado de coisas no limite. Pessoas da *baz* podem falar da sua *frystration* diante da liderança (que, nesse jogo, pode ter ameaçada a sua condição de liderança por jovens da própria base); a liderança, por sua vez, pode usar o mesmo termo para pressionar suas fontes visando obter mais recursos, fontes estas que, em geral, são externas ao local — agentes e agências da ONU (ou suas seções, como o PNUD ou a DDR), o BID, o Banco Mundial, a USAID, o CONCERN ou o Viva Rio. A intermediação entre as lideranças e esses agentes e agências de maior escala envolve atividades e capacidades diferentes: projetos de desenvolvimento, formas de mediação, relações com o Palácio, ações armadas, entre outras. Assim, não é raro que a necessidade de implantar um projeto numa determinada área se fundamente no diagnóstico expresso por uma liderança a respeito de sua incapacidade de controlar a *frystration* de sua base, deixando claro que ela pode dar lugar à *desordre*, levando a se cometer delitos como roubos ou sequestros. Trata-se de situações sempre limites e instáveis, uma vez que os atos violentos podem, por sua vez, desautorizar e enfraquecer a liderança diante das agências de desenvolvimento, demonstrando que ela não possui suficiente autoridade sobre sua base.

³⁶ Nos meses que se seguiram ao terremoto, tal situação se verificou algumas vezes no contexto da implementação dos programas Cash for Work da ONU.

O fato de que atividades aparentemente tão diversas (como as ligadas ao desenvolvimento e à realização de atos ilícitos) façam parte de um mesmo universo pode ser comprovado mediante a análise das trajetórias de várias lideranças entrevistadas, que foram simultânea ou consecutivamente empregados de uma instituição do governo, partícipes de ações armadas, integrantes de equipes da ONU, de agências de ajuda (como a USAID) e de ONGs.

As trajetórias dos entrevistados revelam a dimensão histórica da liderança, os diferentes perfis que foi assumindo ao longo do tempo, na relação com outros agentes, na conformação de novas formas de associações locais, na prática de distintas modalidades de intermediação – como veremos, tanto no plano da política nacional quanto naquele da cooperação internacional. Interessa assim observá-las ao longo do tempo não por uma curiosidade historiográfica, e sim porque, de alguma forma, elas existem no presente, nas lideranças e nas bases que observamos em campo. Portanto, no último ponto desta seção do texto, tratamos especificamente dessa dimensão histórica.

1. Bases e território

O Primeiro Acordo de Paz (maio de 2007), que foi assinado por 12 pessoas, reconhecia claramente a importância da dimensão territorial da liderança. As assinaturas que aparecem ao final do documento estão divididas em quatro grupos de três signatários, referidos a quatro zonas ou bases: Solinò, Bel Air, Delmas 2 e Forturton/ La Salines. Toda a arquitetura do “Pacto pela redução da violência”, como também foi chamado o texto, estava montada sobre princípios territoriais, apresentando a figura do Agente de Prevenção e Gestão de Conflitos (APGC, também denominado *ajen liason*, “agente de conexão”), cuja “função é trabalhar para a formação, a educação e a animação dos agrupamentos comunitários das diferentes famílias do bairro, e pela redução da violência na sua zona de influência [...]. Trata-se de um funcionário da CNDDR que exerce uma atividade civil e social no seu bairro, que deve ser originário deste, manter o domicílio na zona e gozar da confiança e do respeito das pessoas do local”.³⁷ Dentro do nosso conjunto de 41 lideranças, várias delas tornaram-se *ajen liason* reconhecidos nos documentos dos Acordos de Paz ou, em termos mais gerais, no contexto do

³⁷ Os textos dos acordos seguintes foram mudando, a descrição das exigências em relação à definição do líder se tornando mais exaustivas. No Terceiro Acordo, por exemplo, foram incluídos os seguintes itens: « être volontaire ; avoir une moralité, une honnêteté sincère et juste ; être engagé dans des actions de développement et de promotion de la paix ; être capable de résoudre un conflit ; et ne pas être recherché par la police et être en conflit avec la justice) ». Contudo, os textos dos Acordos sempre mantiveram a referência a um território e a um vínculo com as pessoas que lá habitam: “être originaire du quartier, être domicilié et doit jouir de la confiance de la majorité des membres du quartier”.

projeto *Tamboù Lapè* do Viva Rio que, como já dissemos, participou da articulação dos Acordos.

Um dos aspectos mais sensíveis do desarmamento consistiu na distinção entre as lideranças que se engajavam no processo (e passavam ao circuito das ações da DDR, da CNNDR ou do Viva Rio) e aquelas que ficavam de alguma forma à margem, em decorrência de opções próprias ou porque não haviam sido ou não se sentiam convidadas – uma ambiguidade que remete, uma vez mais, ao reconhecimento e à identificação da liderança a que nos referimos várias vezes ao longo do texto. Como em toda boa diplomacia, aqui também há códigos implícitos e explícitos de envolvimento e de obrigação, mistos de sentimentos de compromisso, oposição e indiferença.

Para as lideranças que se engajavam no processo, que assinavam os Acordos de Paz ou que eram indicadas como APGC ou *ajen lieson*, o respeito aos termos do acordo pelos membros de sua base passava a ser uma medida de sua própria liderança.³⁸ Os primeiros termômetros, nesse sentido, foram os eventos que se seguiram à assinatura do Primeiro Acordo, organizado no quadro do projeto *Tamboù Lapè* e que revelaram mais uma vez a importância do território na tentativa de construção de um espaço público pacífico em Bel Air. No final da tarde, grupos *raras* oriundos das duas zonas que pouco antes estavam conflagradas (Delmas 2 e Bel Air) avançaram com as suas *troupes* de músicos e *fans* nos territórios das bases rivais. Contudo, no lugar da invasão do território ser interpretada como desafio ou prelúdio de um conflito, ela significou, como queriam os líderes que organizaram o evento, uma expressão de hospitalidade em relação aos vizinhos, servindo para reforçar o clima de não violência.³⁹

Os grupos *rara* ocupam um lugar singular nos bairros populares de Porto Príncipe, como Bel Air.⁴⁰ Eles consistem em uma forma de associação entre tantas outras que, como procuramos mostrar nesse texto, desenham a geografia social da autoridade da área. Nos grupos *rara*, juntam-se homens e mulheres que gostam de música e que, em alguns casos, conseguem ganhar algum dinheiro como profissionais, tocando ou cantando. Os grupos *raras* estão estreitamente vinculados ao universo do vodu, que também produz “pessoas fortes”, *ougans* e *mambos*, localizadas no espaço, nas bases associadas aos *ufos* [terreiros].⁴¹ Há inclusive alguns

³⁸ Foi isso que observamos em campo, nas poucas vezes em que a paz foi colocada em risco por fatos ou por ameaças. Certamente, esse mecanismo contribui para a eficácia dos acordos até hoje.

³⁹ Entrevistas com Rubem Cesar e com Robert Montinard. É preciso lembrar ainda que mesmo antes do primeiro Acordo de paz, algumas lideranças da grande Bel Air já haviam promovido a participação de grupos *rara* em eventos destinados à paz e ao desarmamento.

⁴⁰ Apesar de, é claro, eles também se encontrarem nas zonas rurais.

⁴¹ Sobre *rara*, vodu e política, ver Mc Alister (2002).

destes grupos que desenvolvem ou estão prontos para desenvolver projetos locais semelhantes aos de outras associações.

Assim, por exemplo, em certa ocasião, estávamos participando de uma reunião com um grupo *rara* em sua base. Em meio às pessoas ali reunidas, havia uma presença sensível de rastas, sempre muito engajados nas atividades culturais, especialmente na música e na vida política da região. Após as falas de apresentação, como em tantas outras reuniões de associações, esta também terminou com uma prece, só que, desta vez, a reza, puxada por um dos rastas muçulmano, era em árabe.

As performances dos grupos *rara* acontecem, em geral, no início da noite, nas ruas, principalmente entre o fim do Carnaval e o início da Páscoa. Nos tempos da política, perto das eleições, é frequente que estes grupos participem das campanhas eleitorais.⁴² Na época da *vyolans* (entre 2004 e 2006), as performances *rara*, as manifestações e a própria luta armada faziam parte de uma mesma constelação de eventos. Tanto os grupos *rara*, quanto os dirigentes políticos e os líderes armados eram vistos como integrantes do *mouvman* (movimento).⁴³ Para quem olhava de longe, essas performances muitas vezes suscitavam sentimentos de ameaça e de desprezo, frases como *ratla ap vini* (literalmente, os ratos estão vindo), e o uso de termos como *desod* ou *chimè*.

Como já adiantamos, o primeiro desses termos, *desod* (desordem), serve para descrever um estado de coisas (um lugar ou uma situação pode configurar desordem) ou um estado de espírito tendendo à confusão. Pode também ser proferido como acusação (“eles fazem desordem”), ou ainda numa ameaça (“toma cuidado, vai ter desordem”). O termo *chimè*, por outro lado, carrega o duplo significado do francês *chimère*, idealista e monstruoso, sendo usado, geralmente, em sentido pejorativo para designar um híbrido de milícia e delinquência. Os opositores de Aristide e boa parte da literatura sociológica ou jornalística que trata do movimento Fanmi Lavalas usam o termo *chimè* exatamente nesse sentido. Para eles, *chimè* seria a base de Aristide, englobando genericamente nessa ideia lugares como Bel Air, Cité Soleil ou Martisant.

No entanto, nenhuma das lideranças da área, partidários de Aristide na época, participando, inclusive, da resistência armada à sua deposição, entre 2004 e 2006, se autoidentifica como *chimè*. A base, para eles, assim como para os habitantes de Bel Air em geral, tem outros

⁴² No calendário da política ou fora deste, em outros momentos do ano, os grupos *rara* podem ser convocados para campanhas políticas, em performances semelhantes às dos trios elétricos e outros grupos musicais ativos durante as campanhas eleitorais brasileiras.

⁴³ Inclusive, esse era o olhar dos primeiros documentos da DDR (p.e., UNDRR 2010).

sentidos. A base (e aqui, mais uma vez, nos referimos a todas elas, evidentemente, e não somente às *baz amè*, as bases armadas) é um lugar de pertencimento e de proteção, um espaço de sociabilidade (basicamente masculina, como dissemos, embora as lideranças mulheres possam igualmente falar a sua linguagem), ao mesmo tempo um espaço concreto localizado no território e um espaço moral mais ou menos abstrato, cujas fronteiras e escalas são, como já vimos, móveis e maleáveis.

2. Associações e recursos

Já mencionamos que parte de nossa equipe estava em Bel Air quando ocorreu o terremoto de janeiro de 2010. Embora os cálculos sobre a perda de vidas humanas e os danos ocasionados pela tragédia variem bastante, imagina-se que morreram mais de 250 mil pessoas, a maior parte na zona metropolitana de Porto Príncipe. Segundo estimativas da ONU, 40% das construções da cidade foram afetadas. Além de entes queridos, muitas pessoas perderam também as suas residências ou tiveram de abandoná-las por medo de possíveis desabamentos. Muitos perderam também suas ocupações (oficinas, postos de venda nos mercados etc).

Bel Air foi duramente atingida. Poucas horas depois do sismo, a sede do Viva Rio na região foi tomada por desabrigados e feridos. Em pouco tempo, eram cerca de 2 mil pessoas. Elas foram alojadas em tendas, receberam água, comida e atenção médica. Em nossas conversas com lideranças e membros das associações da área, estimamos em cerca de 30 mil os residentes nos campos de refugiados em torno de *Kay Nou*. Sem dúvida alguma, o terremoto estremeceu profundamente as relações entre pessoas e entre elas e o território, na região. O fato de esta pesquisa estender-se por mais de um ano nos permitiu testemunhar processos e mudanças significativos. Os campos de refugiados revelaram-se terrenos privilegiados para a observação do dia a dia das lideranças e das atividades em torno destas, da conformação de novas associações, da sua articulação com as já existentes, da redefinição de agendas e prioridades. O envolvimento de alguns de nós nas tarefas de auxílio às vítimas e de organização dos campos nos situou, de imediato, no espaço de relações entre as lideranças e as associações locais, a população e as agências de intervenção. Nessa situação radical de carência, esse espaço tornou-se ainda mais vital para a geração e a distribuição de recursos – basicamente tendas, remédios, água e comida.

Pesquisamos dois campos localizados bem no centro de Bel Air, entre as ruas Delmas 2 e Saint Martin: Parc-Place de la Paix e Asile Communale. Reconstruímos histórias de pessoas e de famílias, mantivemos reuniões com os comitês locais, conversamos com as lideranças e com outros vizinhos, observamos o dia a dia dos campos e conferimos especial atenção a algo que igualmente suscita grande interesse por parte das pessoas: a circulação de recursos.

Um ano após o terremoto, havia novas necessidades, era preciso saneamento básico, infraestrutura e escolas. Ninguém sabia qual seria o futuro da região, se o local viraria mais um *bloc* dentro do bairro ou se seus habitantes seriam trasladados a outras áreas da cidade. No entanto, a presença dos acampados refletia a enormidade da tragédia e das transformações para todos. O ritmo de vida do bairro era outro. Havia sido alterados os circuitos de distribuição de alguns bens como, por exemplo, a água (que nós mesmos havíamos estudado pouco tempo antes)⁴⁴: a linha de quiosques da rua Saint Martin, originalmente muito precária e que fora afetada pelo sismo, passou a ter mais demanda; além disso, apareceram novas formas de distribuição como os caminhões das agências internacionais que atendem às vítimas e, após o estouro da epidemia de cólera, foram instalados pontos de água potável grátis em alguns locais. As questões relativas à eficácia, ao ritmo ou à suficiência dessas ações e às causas dessa epidemia não somente agitavam os debates em espaços públicos maiores (nos quais se discutia o futuro do país ou as formas da cooperação internacional), elas mobilizavam antes e principalmente as próprias pessoas da área, uma vez que se tratava de um assunto vital para elas.

Um desses acampamentos ocupa um dos principais espaços públicos da região, tão importante quanto passou a ser a própria sede do Viva Rio, localizada imediatamente ao lado: o campo de futebol da equipe *Aigles Noirs* chama-se agora Parc de la Paix. Na praça contígua surgiu o campo Place de la Paix. Ambos possuem um mesmo comitê, formado por 16 pessoas, entre as quais cinco mulheres. Ao lado do comitê foi formada uma brigada de segurança, que atua principalmente à noite, composta por 20 homens. Alguns deles haviam sido anteriormente, entre outras coisas, policiais, militares e seguranças do palácio presidencial. Por ocasião da pesquisa, o Comitê já havia encaminhado um pedido de reconhecimento ao Ministério de Assuntos Sociais e possuía uma sede (o *biwo administratyon*) numa tenda doada pelo Exército de Salvação.

Segundo contam seus membros, o comitê foi formado no dia seguinte à tragédia por iniciativa de alguns *notab* (notáveis) da área. Alguns deles não faziam parte da população atingida e

⁴⁴ Neiburg e Nicaise (2009).

tinham participado ou dirigiam associações já existentes, entre elas, uma das mais ativas da região (o CSCSM, Comitê de Serviço Cívico da Rue Saint Martin). Também integravam o comitê, representantes dos desabrigados, alguns provenientes de outras regiões da cidade, e outras pessoas que já eram moradores da área e que tiveram suas residências destruídas.

Nas conversas que mantivemos com eles, pudemos verificar como, notadamente os mais jovens e as mulheres, mostravam-se motivados para organizar a população e ajudar no que fosse preciso. Alguns também faziam referência à sua formação escolar que, do seu ponto de vista, os qualificava a melhor desenvolver essas tarefas – o fato de terem estudos universitários, às vezes, até mesmo mais de um diploma técnico ou de idiomas. Era comum encontrarmos, no *biwo administratyon*, as lideranças com este perfil conversando entre si e com amigos, organizando tarefas, realizando ou planejando reuniões.

Certa vez, um de nossos entrevistados definiu o líder como alguém “que conhece muitas pessoas”. E, de fato, as lideranças parecem estar sempre acompanhadas e em contato com pessoas –por exemplo, era possível observá-las antes do início de uma entrevista cumprimentando alguém e, ao final, sendo imediatamente abordadas por outras pessoas. Os líderes têm pressa, vivem um dia a dia de encontros e conversas: reuniões com doadores e agências de intervenção, com ONGs, com órgãos do governo, com associações de vizinhos, com associações do bairro, papos com outros líderes, além da atenção permanente exigida pelas pessoas que lhes demandam recursos, ajudas e favores. Elas também podem passar o dia discutindo, às vezes em tom elevado, com gestos e movimento corporais agitados que impõem autoridade – formas de interação próprias da sociabilidade agressiva masculina das bases, que não deixa de estar presente, ainda que com modulações diferentes, nas líderes mulheres.

De fato, as lideranças falam alto, sabem discutir e, se for o caso, incendiar os ânimos coletivos, mas ao mesmo tempo, também é característica do líder, a capacidade de contornar os conflitos, de *pozè* [acalmar] a turma exaltada.

Alguns integrantes do comitê do campo Parc-Place de la Paix estavam fazendo ou tinham feito cursos que reforçavam as suas próprias qualidades de líderes, tais como mediação e gestão de conflitos (pudemos acompanhar alguns desses cursos quando foram oferecidos na área pelo CONCERN, no período de nossa pesquisa). A formação é um mecanismo importante para a criação de novas gerações de líderes, embora seja evidente que nem todo mundo que passa pelos cursos será automaticamente reconhecido como líder pela população ou pelas agências de intervenção na área.

Os habitantes dos campos de refugiados e os integrantes dos comitês sabem muito bem que vivem em um universo que não é feito somente de boas intenções. Com frequência, relatam ações impróprias, desvios de recursos, roubos, agressões sexuais. Por várias vezes, escutamos pessoas se referindo a líderes ou a membros de um determinado comitê como *poch pwela* (uma acusação de roubo que literalmente significa “botar a panela no bolso”) ou *gran manjè* (“comilão”, sinônimo de político corrupto).

A dinâmica das acusações (independentemente da realidade dos fatos) também faz parte da concorrência entre líderes e candidatos a líderes, mas nela repercute a multiplicação da intervenção de agências de cooperação, cada uma tentando impor estilos e políticas, ativando redes de intermediação diferentes, contribuindo para criar ou reforçar a ação de alguns líderes.

Os campos de refugiados evidenciam essa multiplicidade de agências e de agentes complementares e concorrentes, territórios divididos pelas cores e pelas bandeiras das diferentes instituições (foto@). As lideranças devem saber navegar nesse espaço, maximizando as possibilidades abertas pela existência de (ou pela promessa de) ajuda.

3. Política nacional e ajuda internacional

O universo das lideranças e das associações em Bel Air é um universo de variações. Nele, podemos observar, entre outros elementos, a dinâmica de formação das famílias e das vizinhanças, a mobilidade entre o campo e a cidade, as associações ligadas ao catolicismo, ao protestantismo e ao vodu, as formas de criação de poder político, a legitimação local da autoridade do Estado nacional e a presença intensa e estruturadora da vida social haitiana por parte de estrangeiros: governos, exércitos, igrejas, agências internacionais, ONGs.

Especificamente, na história das relações entre as associações e as lideranças, as instâncias do governo haitiano e a chamada comunidade internacional, três cronologias aparecem entrelaçadas: a cronologia da política nacional, a cronologia da geopolítica internacional⁴⁵ e aquela dos desastres naturais que afetaram o país.⁴⁶ Não é nosso objetivo aqui oferecer uma

⁴⁵ Que estimula o envio de recursos ao país ou, ao contrário, o seu bloqueio e que marca o descenso ou a ascensão da influência exercida sobre o Haiti por alguns países (e as suas agências de governo e não governamentais), como é o caso, atualmente, do “Grupo de amigos do Haiti”, cuja existência foi formalizada pouco após o terremoto, sendo integrado, entre outros, por Brasil, Canadá, França e Estados Unidos.

⁴⁶ Na cooperação internacional costuma-se distinguir entre as agências que tratam da ajuda para o desenvolvimento daquelas que lidam com situações de crise ou de catástrofes (podem ser instituições

reconstrução exaustiva destes fatos. Trata-se antes de observar alguns pontos significativos dessa história para melhor compreender a singularidade da configuração atual, foco desta pesquisa.

As primeiras “missões de ajuda” ao Haiti remontam, pelo menos, ao período de ocupação americana (1915-1934), à implementação de projetos de intervenção local, sobretudo no âmbito rural, orientados para questões de saúde e agricultura.⁴⁷ Alguns atribuem a origem da expressão *mangè disastre* [comida/comer desastre] à ajuda em alimentos enviada ao país pelas agências do governo e entidades da sociedade civil norte-americanas (missões de igrejas primeiro, ONGs em seguida), diante de catástrofes humanitárias produzidas por furações durante a ocupação e, notadamente, mais tarde, na década de 1960.⁴⁸

No entanto, a presença da comunidade internacional intensifica-se após a queda de Jean Claude Duvalier, em 1986, modulando de forma singular o universo social que observamos em Bel Air.⁴⁹ Os bloqueios econômicos e as sucessivas intervenções militares estrangeiras contribuíram significativamente para a presença crescente da “ajuda internacional”, que chega ao país através de agências de governo (como a USAID), instituições multilaterais (como o PNUD ou a OIM) e ONGs. Tal ajuda se distribui basicamente de três maneiras: diretamente na “base”, nas “comunidades locais” ou nos *target groups*, através de “parcerias” entre as comunidades locais e o governo e, por último, diretamente ao governo sob a forma de empréstimos ou doações. Este último foi o caso, por exemplo, da “ajuda para o desenvolvimento e a governança”, encaminhada pela administração norte-americana nos anos 1990, no quadro da chamada *Transition Initiative* (USAID/OIM) que promovia, entre outras coisas, a “identificação e a formação de lideranças comunitárias”. De fato, várias associações e vários líderes de Bel Air foram formados no contexto desta iniciativa.⁵⁰

No decorrer do século XX, a presença internacional no Haiti mostra uma crescente preponderância norte-americana, mas a intervenção de agências de outros países não deixa de ter também efeitos estruturantes até os dias de hoje. Um exemplo de uma iniciativa dos anos

diferentes ou instâncias burocráticas distintas dentro de uma mesma instituição, como é o caso da União Europeia, da ONU ou da USAID).

⁴⁷ Ver, notadamente, Schmidt (1971), Smith (2001) e Renda (2001).

⁴⁸ Smith (2001).

⁴⁹ É preciso considerar que a USAID interrompeu suas atividades no Haiti durante quase todo o regime Duvalier, entre 1963 e 1973.

⁵⁰ Esses programas eram considerados contrapartidas à aplicação das “reformas estruturais” exigidas pelas agências internacionais. Alguns atribuem a esse mecanismo, o reforço das “redes clientelares” do movimento Fanmi Lavalas, liderado por Aristide, principalmente após ele ter sido reposto ao cargo, por meio de uma intervenção militar norte-americana, em 1994 (ver, p.e., Manigat e Moise 2000).

1990 é a participação da ONG francesa GRET (Association de Solidarité et de Coopération Internationale) no desenvolvimento da “engenharia social” que levou à conformação de uma rede de comitês locais ligados à execução de políticas públicas, como o provisionamento de água em bairros pobres de Porto Príncipe, entre os quais se incluía Bel Air. A água era distribuída pela empresa governamental (CAMEP), e o projeto foi executado com financiamento norte-americano por meio da USAID, em parceria com a OIM e a CONCERN. Atualmente, os comitês e as associações de comitês (reconhecidos formalmente pelo Ministério de Assuntos Sociais) fazem parte da geografia do associativismo na zona, da mesma forma como os seus acrônimos podem ser vistos identificando obras (pontes, ruas, caçambas de lixo) ou pontos de distribuição de recursos ou serviços (quiosques de água, latrinas, *cybers*) (@foto). Da mesma forma, os presidentes, secretários gerais e tesoureiros, entre tantas outras figuras escolhidas para integrar os comitês, fazem parte do universo das lideranças da região.

Por outro lado, essas intervenções articulam-se a outras formas associativas. Muitas delas lembram, como já mencionamos, modalidades próprias do mundo rural, ou construídas no vai e vem entre a cidade e o campo que caracteriza o espaço social haitiano. Como evidenciam os Conselhos de Administração de Seção Comunal (conhecidos como CASEC), algumas associações criadas no contexto rural faziam parte da própria estrutura do Estado; os CASEC sendo tidos, constitucionalmente, como a menor unidade político administrativa do país.

Nas formas associativas e nas lideranças de hoje reconhecem-se ainda formas e carreiras que remetem aos agrupamentos originados na década de 1960, a partir da ação da igreja — notadamente, os *Komytè Ti Legliz* (KTL) ou “comitês das pequenas igrejas” que faziam parte do universo da teologia da libertação e que podem ser considerados como próximos às comunidades eclesiais de base brasileiras. Centros fortes de irradiação do movimento das *Ti Legliz* foram o Seminário Salesiano e a Igreja de Saint Jean Bosco que, como dissemos, se localizam em La Saline, dentro da grande Bel Air. Atualmente, essa rede faz parte de um campo muito mais variado e complexo no qual as redes pentecostais também passaram a ocupar um lugar importante.⁵¹

Quando as pessoas entrevistadas contam as suas histórias de vida, surgem outros atores. Uns possuem uma feição mais institucionalizada (embora extremamente variada), como as associações de estudantes universitários, os grupos de escoteiros, as Organizações Populares (OPs) ou os Comitês de Vigilância. Outros são mais difusos ou capilares, como as antigas redes

⁵¹ Ver Hurbon (1987) e (2000).

makout, as associações ligadas ao universo do vodu ou, inclusive, as redes cimentadas no uso das armas, numa fronteira difusa entre o uso associado à luta *política* e à ação de “bandidos”.

Nos relatos das lideranças entrevistadas, que tecem uma história de três décadas, aparecem outros elementos de escala menor, mas igualmente significativos. Um deles, que contribui para modelar as carreiras dos líderes, é a aquisição de qualificações por meio dos cursos de formação; outro refere-se de forma mais genérica à possibilidade de se manter e cultivar relações pessoais com *blan* (estrangeiros). Um exame detalhado dos primeiros encontros entre os indivíduos que posteriormente se tornariam lideranças e os *blan* confere a medida da importância estruturadora das agências e dos atores externos nas vidas pessoais e coletivas de Bel Air. A primeira vez em que uma missão estrangeira (de uma entidade multilateral, uma igreja ou uma ONG) é recebida na zona, abre-se possibilidade de um bico como professor de francês ou de creole numa embaixada, num hotel ou em algum outro âmbito da “cooperação” – pequenos eventos como esses podem ter grandes consequências na vida das pessoas, reorientando uma trajetória, contribuindo para o surgimento de um líder. Vejamos, então, a seguir, detalhes sobre as vidas de algumas dessas lideranças.

IV. Vidas de lideranças

A trajetória social de cada uma das 41 pessoas entrevistadas coloca em evidência, em sua singularidade, aspectos do universo e das dimensões da liderança. Vários desses aspectos já foram descritos em suas formas gerais ao longo do texto. Outros ainda merecem ser mais bem observados, como a questão das lideranças mulheres, a qualificação profissional e a juventude, o desenvolvimento como valor moral e como profissão, a proximidade das armas e dos delitos. Estes assuntos serão explorados a seguir por meio da reconstrução de algumas biografias. Elas baseiam-se nas entrevistas realizadas com lideranças da grande Bel Air, mas são montagens nossas e não constituem descrições fiéis da sucessão de eventos de vidas reais. Essa forma de apresentação dos dados justifica-se por duas razões: primeiro, para preservar o anonimato dos nossos interlocutores no campo (um compromisso com eles, assumido por nós durante as entrevistas); e, segundo, para maximizar as descrições dos traços de humanidade que nos interessa colocar em relevo numa mesma pequena história, ocupando um pequeno espaço em algumas poucas páginas.

1. A líder mulher

Michele já se acostumou com a nova rotina. Uma vez por semana, sai de Bel Air com um grupo de moradores para ajudá-los a tirar documentos como passaportes, títulos eleitorais, carteiras de identidade e vistos de viagem. Ela os acompanha até as repartições e escritórios responsáveis pela emissão de cada documento, dá instruções e, quando necessário, ajuda no preenchimento de fichas, questionários e formulários. A atividade foi intensificada no último ano, posto que não foram poucos os habitantes da região devastada pelo terremoto de 12 de janeiro de 2010 que perderam seus “papéis” em meio aos escombros. Michele não se incomoda com o trabalho. Afinal, como sempre repete, “um líder comunitário deve servir à comunidade”.

E tal serviço é, com ela mesma diz, “duro”. A cada final de semana, geralmente um sábado, a jovem líder reúne-se com amigas e vizinhas na sede da organização que coordena (chamada de Organização de Mulheres pelo Desenvolvimento de Bel Air), localizada na sala de estar de sua casa. Lá discutem os principais problemas que afligem as mulheres da região e a comunidade em geral. Ultimamente, o grupo tem se preocupado com o grande número de meninas grávidas que, segundo Michele, “precisam largar os estudos para cuidar dos seus bebês”. Seu grande sonho é conseguir que alguma instituição, seja estatal, seja uma ONG, as ajude em um projeto com as jovens mães. A organização almeja a criação de um programa de acompanhamento da saúde das grávidas e de seus filhos recém-nascidos e, se possível, a construção de uma creche comunitária na área. Para tanto, já procuraram a Prefeitura, o Ministério da Saúde Pública e algumas ONGs estrangeiras que atuam no bairro. Até o momento, só ouviram recusas. Michele sabe bem do que está falando. Aos 20 anos, engravidou, e só com muita dificuldade e ajuda da mãe e das irmãs conseguiu terminar os estudos.

Além de realizar reuniões e encaminhar demandas, a organização de Michele também executa um projeto em parceria com o governo para a prevenção do contágio do cólera. Foi montada uma equipe com meninas e meninos que, todos os dias, visita as casas da zona. O objetivo é “sensibilizar e mobilizar” os habitantes da alta Bel Air. Paralelamente, Michele participa de um curso de formação em “gestão de conflitos”, ministrado por uma ONG europeia que mantém um escritório nas cercanias de sua rua. Dirige-se ao local uma vez por semana, numa espécie de peregrinação – a presença em cursos e seminários voltados para a “gestão de conflitos” e

para a “formação de lideranças” – que marca a trajetória de boa parte dos líderes da região, pelo menos desde o final dos anos 1980.

Juntamente com as atividades comunitárias, Michele toca a sua própria vida. Toma conta do filho, já com cinco anos, estuda para o exame final escolar – temido pelos jovens – e trabalha com a mãe no mercado Croix des Bossales, onde vende *pèpè*, roupas de segunda mão. Com o dinheiro que ganha, contribui em casa e paga a escolinha do filho. O pai, que hoje mora em Jacmel, no sudeste, “só ajuda de vez em quando”.

Michele vem de uma família pobre. Seu pai, que morreu quando ela tinha apenas dez anos, era agricultor em um vilarejo próximo a Gonaïves, no centro-norte. Veio para Porto Príncipe ainda jovem, atraído por um emprego obtido junto a um irmão mais velho, no mesmo mercado onde hoje trabalham a filha e a ex-esposa. Seria motorista de caminhão. Em Croix des Bossales, ele conheceu Nadège, uma mulher alguns anos mais nova que, a cada fim de semana, ia até a capital vender os produtos agrícolas que comprava em sua terra natal, Leogane, ao sul de Porto Príncipe. Casaram-se e foram morar em Bel Air. Tiveram oito filhos, três meninos e cinco meninas.

Michele nasceu em 1985, na sua atual casa, em Bel Air. “Não deu tempo de levar minha mãe até o hospital”, diz. Ali cresceu e estudou. Coursou o primário e o secundário em escolas de Bel Air. Chegou até o “Filo”, último ano do sistema escolar. Cumpriu a carga horária exigida, mas ainda não fez o último exame que completaria a formação. Atualmente, estuda no tempo que sobra entre o comércio no mercado e o “serviço à comunidade”. Sonha ser aprovada no exame e entrar na universidade. Quer estudar contabilidade.

Como ela mesma relata, a jovem iniciou suas atividades como líder comunitária ao deixar a escola. Nesta época, há cerca de quatro anos, foi aconselhada por um dos irmãos, também líder na zona, a desenvolver atividades na área e a procurar a ONG europeia que opera na região, pois “ela estava precisando de líderes mulheres para ajudar em seus projetos”. Michele, que dizia já ajudar os moradores na época — principalmente dando aulas de reforço escolar para as crianças — foi então procurar algumas amigas e vizinhas. Propôs a elas a criação de uma “organização de mulheres” que discutisse os problemas do bairro e contribuísse para o desenvolvimento da zona. Como conta Michele, “expliquei para as meninas que era necessário participar, que aquilo não era tarefa só para os homens”, e completa, “fòk nou famn mete tèt nou deyò” . A expressão, usada tanto em nossa conversa, quanto nos encontros com suas amigas da organização, é um recado: “é preciso que as mulheres saiam de

casa e se coloquem 'na rua' para discutir a os assuntos da comunidade; é preciso que elas 'participem do desenvolvimento'".

Como é fácil perceber em Bel Air, seja em reuniões, na consulta a cadastros de membros de organizações ou em conversas com a população, o universo da liderança é majoritariamente masculino. No entanto, como as mulheres da região gostam de enfatizar, tal realidade vem mudando significativamente. Hoje, já é possível encontrar um número razoável de entidades comandadas por mulheres. Tal fenômeno pode ser relacionado a dois fatores. Por um lado, à iniciativa das próprias mulheres que, cada vez mais, sentem a necessidade de "colocar a cara na rua", como diz Michele, de debater os problemas locais e buscar soluções para a comunidade. Por outro lado, à exigência cada vez maior, por parte das ONGs e das agências internacionais que atuam na cidade, de se incluir as mulheres nas instâncias de elaboração e execução dos "projetos de desenvolvimento". Tudo isto foi favorecido pela pacificação da área e a consequente perda de peso relativo das lideranças armadas ou próximas às armas que eram, em sua grande maioria, homens.

No mês seguinte à reunião que marcou a fundação da organização, ocorrida em agosto de 2006, Michele foi até o Ministério de Assuntos Sociais, munida dos estatutos da organização, para registrar a entidade junto ao Estado. "Uma verdadeira organização deve ser registrada", defende. Os estatutos foram escritos por ela e pelas amigas ao longo daquele mês, contando com a ajuda do irmão de Michele. "Ele já tinha experiência naquilo", afirma.

2. Um homem de armas

Kevenson nasceu em La Saline, em 1985. Dividiu sua infância e adolescência entre o bairro e a cidade de Jacmel, no sudeste, onde vive a família do pai. Não chegou longe nos estudos, tendo abandonado a escola ainda no final do primário por falta de dinheiro. A mãe, comerciante no mercado Croix des Bossales, precisava destinar os poucos recursos que obtinha com as vendas à criação dos seis filhos.

Kevenson orgulha-se de sempre ter estado, desde muito novo, na companhia dos mais velhos. "Eu era muito inteligente, de personalidade forte, gostava de ficar só com os mais velhos", diz. Ainda jovem ingressou em um grupo *rara* como percussionista. Em seguida, a partir do final da década de 1990, tomou contato com a política, tendo participado de manifestações e campanhas de apoio ao então candidato a presidente, Jean Bertrand Aristide.

Logo depois, no início dos anos 2000, juntamente com um grupo de antigos amigos da vizinhança, criaram a base *Staff Lasalin*. Nessa época, também motivados pela política, tornaram-se mais próximos de Ti-Jean, fanático militante de Aristide, considerado um dos “grandes chefes” da zona.

Em 2001, com a posse de Aristide, alguns grupos armados de La Saline passaram a reivindicar a cobrança de taxas dos comerciantes do mercado Croix des Bossales e dos caminhões que lá desembarcavam, antes controlados pela base *Fòturon*, na área vizinha. Kevenson e outros membros do *Staff* viraram “soldados” de Ti-Jean. A demanda do “grande chefe”, amparada e aceita pelo presidente Aristide, motivou a irrupção de duros conflitos armados entre as bases de ambas as regiões. Jovens foram mortos, outros tiveram que fugir, porções de La Saline foram incendiadas, sendo depois reconstruídas no quadro de um projeto habitacional estatal. Kevenson, baleado quatro vezes, até hoje conserva um projétil em sua perna direita, do qual diz ter muito orgulho.

A partir de 2002, a “guerra entre La Saline e Fòturon”, como é chamada pelos moradores, arrefeceu. Mas não tardaria para que Kevenson e o pessoal do *Staff* precisassem usar novamente as suas armas. Em 2003, alguns grupos formados por opositoristas a Aristide, principalmente policiais, seguranças, ex-militares e *depoté* (ex-emigrados enviados de volta ao Haiti pelo governo norte-americano por sua suposta participação em redes ilegais internacionais ou por terem cometido delitos nos Estados Unidos) começaram a realizar alguns ataques contra as bases mais identificadas com o governo. As bases da grande Bel Air, incluindo a *Staff*, reagiram, “era preciso defender nossa área e Ti-Tide (Aristide)”, afirma o então soldado.

Em 2004, com a queda de Aristide, a situação se agravou. A polícia, agora amparada por um novo governo, empreendeu uma dura repressão sobre Bel Air e La Saline. Ti-Jean, juntamente com seu irmão e outros “chefes” de toda a zona, iniciaram um “movimento” que pregava o retorno do presidente eleito. Houve confrontos, manifestações e novos incêndios, inclusive do mercado Tèt Boeuf, já no ano seguinte, efetivado por outra base da região. Paralelamente, aumentou a repressão das tropas da MINUSTAH. Nesta época, Ti-Jean foi morto.

Pouco a pouco, o dinheiro da base *Staff* foi minguando. O governo Aristide, do qual se conseguia alguma renda através da execução de projetos na zona, havia acabado. O mercado tornava-se menos rentável devido ao aumento da violência.

A partir de 2006, Kevenson e seus amigos começaram a realizar assaltos e sequestros no centro da cidade e em bairros mais abastados. Aquela era uma forma de obter dinheiro para sobreviver e financiar o “movimento”. No final daquele ano, Kevenson foi preso. Passou 12 meses na penitenciária. Era acusado de “mal-feitor” e de promover assaltos. Foi solto no início de 2008, segundo ele, sob a alegação de “falta de provas”. Regressou a La Saline e, desde então, vive de pequenos bicos e da venda de drogas por intermédio da *Staff*.

A partir do início de 2010, a área tornou-se quente novamente devido à fuga de presos da penitenciária nacional, destruída pelo terremoto. Conflitos armados com a polícia e com os *chimè*, que retornavam às suas bases, se tornaram quase diários. Diante desta situação, Kevenson resolveu passar uma temporada em Jacmel, retornando seis meses depois mais tarde. Ele continua sendo reconhecido como um *granèg* na zona. Sustenta-se basicamente comercializando maconha e, agora também, vendendo material dos escombros do terremoto.

3. Qualificação e juventude

Jean tem 28 anos e dirige a Associação de Recursos Intelectuais para o Progresso Social e Cultural (ARPSC), criada em 2007, e reconhecida pelo Ministério de Assuntos Sociais. Já conseguiu 18 bolsas de estudos para crianças, da OIM, e encaminhou um novo projeto propondo a criação de brigadas de limpeza nas ruas e nos corredores da zona. Também organizou formações para jovens e adultos no domínio da saúde, especificamente sobre questões de HIV-AIDS e cólera. Durante as férias de verão, a ARPSC desenvolve atividades para crianças, as famílias colaborando com dinheiro, alimentos ou bebidas. Nas datas comemorativas de eventos da história nacional, como o Dia da Bandeira ou o dia da morte de Dessalines, a associação organiza atividades culturais, leituras de poesia, dança e teatro.

A ARPSC está situada em Forturon. As pessoas que participam e são atingidas por suas ações moram na região. Seus membros a ela se referem como a *baz ARPSC*. O território à sua volta está marcado: nos corredores e ruelas próximas, podem ser vistos grafites com a assinatura ARPSC. Alguns incluem mensagens como, por exemplo, “Fé, Paz e Desenvolvimento” (foto@).

Forturon foi bastante afetada pelo terremoto de 12 de janeiro de 2010. Há corredores nos quais quase todas as casas foram destruídas. Passado mais de um ano, o entulho não foi retirado. Há vizinhos mortos que ainda jazem sob os escombros. Esta foi uma questão recorrentemente colocada pelas pessoas com as quais conversamos, cuja expectativa era de que a nossa presença indicasse uma possível ajuda. A residência de Jean quase não foi afetada.

Ele mora numa grande construção de dois andares com muitas habitações, algumas com entradas independentes e pequenos apartamentos de um cômodo. Há um banheiro coletivo. No andar superior, mora a mãe de Jean, que é viúva, com umas sobrinhas e outras pessoas. Ele ocupa uma habitação no térreo com entrada independente. Além da cama, há um colchão “porque sempre tem mais alguém ficando”. Há também uma extensão com várias tomadas, nas quais os amigos podem carregar os celulares.

Jean é o quarto de seis filhos. Antes de conhecer sua mãe, o pai teve outro relacionamento e, por isso, Jean tem mais quatro irmãos. Duas irmãs moram nos Estados Unidos, uma em Miami e outra em Nova Iorque. Seu pai, que havia migrado da região de Jeremie na metade da década de 1970, já faleceu. “Chegou e ficou” em Forturon, mesmo que viajasse permanentemente à sua zona de origem, transportando mercadorias. Foi mecânico e chegou a abrir uma loja de roupas, na qual também trabalhava a mãe de Jean, costureira.

Jean acredita que seu pai estaria muito orgulhoso dele. Não somente por ser o único dos irmãos que terminou a faculdade (ciências da comunicação, numa universidade privada de Porto Príncipe), mas também pelo conjunto de atividades que desenvolve para ajudar as pessoas do bairro. Jean investiu muito nos estudos, fez diversos bicos e teve o privilégio de receber ajuda da família. Ele também é o único universitário da galera de amigos que fundou a ARSPC. Entre eles, um dos mais próximos é William, que ficou órfão de mãe quando era pequeno e morou com o pai, um conhecido *grannèg* da La Salines, que fora segurança no Palácio Nacional. William também é *ajèn liason* da CNDDR e conseguiu um contato com a OIM à qual submeteram o primeiro projeto da ARSPC. Este foi redigido por Jean e digitado no computador de um cyber que fica ao lado de sua casa, gerenciado por outro amigo, também membro da associação.

4. Política e desenvolvimento

Robert costuma definir-se como um “profissional do desenvolvimento”. Ele nasceu em uma das regiões mais pobres de Bel Air, há 45 anos. Seus pais tiveram somente dois filhos, Robert, o primogênito e, em seguida, Carole, que atualmente mora em Miami. O pai era eletricitista, a mãe fazia comércio no mercado Croix de Bossales, muito perto de casa. Sendo o único filho homem, Robert recebeu bastante apoio dos pais e investiu nos estudos, chegando à faculdade e se formando em psicologia na Universidade do Estado. No momento em que cursava o secundário, mudou de bairro, deixando Bel Air. De início, foi morar com alguns amigos em

Martissant, onde se casou, teve um filho, se separou e ficou morando por um tempo. Já passou por diferentes regiões da cidade e, agora, aluga um apartamento na altura do 40 da rue Delmas.

Quando pensa em sua formação, ele lembra a experiência como escoteiro, quando era ainda criança e mais tarde, na adolescência. Gosta de contar que, com os escoteiros, aprendeu as virtudes do trabalho em equipe e conheceu o país, viajando pelo interior de Haiti. O prazer em viajar e conhecer o território, as pessoas e as necessidades da população motivou em Robert, como em tantos outros jovens de sua geração, um engajamento com os problemas coletivos — e, sobretudo, como ele sempre insiste em afirmar, com o futuro das crianças.

Já na faculdade, envolveu-se com a militância estudantil e o teatro. Era a época do fim da ditadura Duvalier, um momento difícil, mas os jovens, como ele, tinham esperanças no futuro do Haiti. Robert reencontrou antigos amigos de Bel Air e aos poucos foi retornando ao bairro no qual foi “feito”. Alguns de seus amigos eram artistas como ele, pintores e músicos. Alguns eram rastafáris, mas mesmo que concordasse com os princípios rastas, esta nunca foi uma opção para ele, sempre envolvido com o vodu.

Alguns dos seus amigos rastas tinham nascido na área, outros chegaram de fora para se engajar na fervilhante vida política e cultural da zona. Alguns deles são ainda hoje reconhecidos como líderes de Bel Air, outros morreram na luta armada, apoiando o presidente Aristide. Robert nunca participou diretamente de ações violentas, embora fosse próximo daqueles que nelas se envolveram. Segundo ele, a política não é a saída para os problemas do Haiti: “o que o país precisa é de desenvolvimento”.

Quando estava terminando a faculdade, por intermédio de um colega do teatro, foi convidado para dar aulas de francês à mulher de um embaixador. Foi a primeira vez que Robert teve contato direto com um *blan*. Através dele foi recrutado por uma ONG europeia para participar de um projeto de desenvolvimento rural no norte do país. Uma vez terminado o trabalho, investiu o dinheiro obtido numa viagem para Nova Iorque. Conheceu a cidade, gostou, aprendeu um pouco de inglês, pensou em ficar, mas voltou.

Pouco depois, a USAID/OIM o convidou a integrar uma equipe de avaliação de projetos em Bel Air. Deste modo, começou a trabalhar pelo desenvolvimento da zona, passando por várias agências e ONGs como PNUD, CONCERN e, mais recentemente, o Viva Rio. Especializou-se em atividades de sensibilização e formação de lideranças. Logo após o início da intervenção militar da ONU, foi também recrutado pela DDR como *ajan lieason* em Bel Air.

Há muitos anos voltou a passar boa parte dos seus dias em Bel Air (*mwen moun bèlè*, “sou pessoa de Bel Air”, afirma), percorrendo ruas e corredores, visitando famílias, encontrando lideranças. Em alguns contextos, ele mesmo se sente (e é visto como) um líder. Robert é mestre na arte de cultivar relações pessoais. Mantém diversas bases na área, locais onde senta para bater papo com amigos, comer alguma coisa ou simplesmente descansar. Não é raro que alguém passando necessidade lhe peça algum dinheiro. Ele sabe distinguir o motivo e, quando julga necessário, dá alguns gourdes, num misto de empréstimo e presente que alimenta a relação com os conhecidos e alivia as urgências. Pelas mãos de Robert, às vezes, chegam algumas moedas, outras, a indicação para um emprego. No entanto, a sua relação com o dinheiro é difícil quando se trata de mulheres. Robert se ressentido de uma sensação de predação feminina que é comum entre aqueles que, como os líderes, têm acesso a certos recursos.

O seu dia passa rápido, entre telefonemas que começam cedo e reuniões que terminam tarde. Robert desempenha várias tarefas, participando simultaneamente de projetos vinculados a diferentes ONGs e agências internacionais. Está convencido de que a paz é uma condição inescapável para o desenvolvimento e investe tempo e energia trabalhando para isso. Paralelamente, realiza outras atividades: com amigos da juventude e adolescência, está fundando uma associação em Martissant, orientada para o cuidado com as crianças; com outro grupo de amigos, participa da criação de um projeto de cooperativas na região de Le Caye, onde gostaria de morar algum dia, ter uma pequena empresa, dar trabalho às pessoas e desfrutar da proximidade do mar.

5. *Da luta à paz*

Era uma manhã de sexta-feira, quando uma equipe do Viva Rio visitava as áreas de Bel Air mais afetadas pelo terremoto para inventariar os danos e imaginar o que poderia ser feito. A cada ponto do bairro em que o carro da ONG parava, seus ocupantes eram imediatamente recebidos por líderes comunitários. Numa dessas ocasiões, no final da rua Saint Martin, a equipe foi recebida por Toussaint. Enquanto davam uma olhada geral no local onde estavam alojadas algumas centenas de famílias, de repente, bem à frente do grupo, estourou uma briga entre dois rapazes. Houve correria e alguém no meio da multidão atirou para o alto. Toussaint pediu para que todos ficassem tranquilos, percebendo o nervosismo dos *blan* que estavam presentes, “não se preocupem, comigo aqui, nada de ruim vai acontecer”.

Toussaint tem 36 anos. Nasceu em Bel Air. É filho de um antigo militar do exército e de uma comerciante que emigrou do sul do país. Quando ainda pequeno, era levado pela mãe, católica fervorosa, aos sermões dados pelo padre Jean Bertrand Aristide na igreja de Saint Jean Bosco, em La Saline. Quando Aristide se candidatou à presidência, montou uma organização de jovens e participou ativamente da campanha, organizando manifestações, colando cartazes nas paredes e muros da cidade, convencendo seus vizinhos de bairro a ir votar no padre durante as eleições.

Com a deposição de Aristide, em 1991, retirou-se para o interior do país, com medo de ser morto pelo violento golpe militar perpetrado pelo general Raul Cedras. Retornou a Bel Air três anos mais tarde, com a volta de Aristide ao poder. Na segunda metade dos anos 1990, durante o governo do presidente René Préal, Toussaint trabalhou como segurança para alguns políticos do partido de Aristide.

Em 2000, Aristide foi novamente eleito e, mas uma vez, Toussaint teve papel ativo na campanha de rua. Com a posse do presidente, ganhou um emprego na Autoridade Portuária Nacional, como vários outros habitantes e líderes comunitários de Bel Air. “Somente com o Aristide, um cara como eu, negro, rasta e de Bel Air, conseguia um emprego no Estado”, diz, nostálgico. Com o aumento da pressão da oposição sobre o governo, Toussaint resolveu reunir-se com alguns amigos para agir em defesa do mandato de Aristide. Criaram a base *Guinè*. Ganhou, novamente, as ruas com manifestações, sempre ajudado por grupos *rara*, que animavam os eventos e atraíam boa parcela da população da região.

Com a queda de Aristide, nos primeiros meses de 2004, a situação mudou radicalmente. Toussaint e outros amigos iniciaram uma série de manifestações que reivindicava o retorno do presidente deposto ao poder. Logo em seguida, ele e outros líderes e habitantes de Bel Air perderam seus empregos no Estado. Paralelamente, a polícia começou a reagir com mais força às manifestações. Pessoas foram presas, tiros eram disparados. Numa destas ocasiões, um de seus amigos foi morto. Eles retornaram a Bel Air e reuniram-se com outras bases e organizações da região. Decidiram iniciar um “movimento de resistência e revolução”, diz Toussaint, “uma luta pelo povo dos guetos e por Aristide”, reafirma. O movimento constituiu um exército com comandante, generais e soldados.

As novas manifestações surgidas em Bel Air e Cité Soleil passaram a contar com apoio armado para reagir às agressões da polícia. As armas foram obtidas junto a indivíduos que trabalhavam como seguranças, compradas com dinheiro vindo de remessas dos EUA, enviadas por

partidários do ex-presidente – dinheiro este que era também redistribuído pelos chefes do movimento nas bases — ou já pertenciam às bases, tendo sido fornecidas pelo antigo governo.

Os conflitos acirraram-se dentro de Bel Air com o aumento da repressão policial. Como resposta, elementos ligados ao movimento começaram a incendiar mercados e a realizar sequestros. A imprensa apelidou tais eventos de “Operação Bagdad”. Segundo Toussaint, que não concorda com essa denominação, “aquele não era um movimento de bandidos, era uma luta política, uma revolução”, e continua, “mas com o tempo, e depois de uma fuga em massa da penitenciária nacional, pessoas mais violentas se infiltraram no movimento, começaram os sequestros... Ali a luta acabou”.

Paralelamente, disputas internas entre as bases envolvidas levaram ao surgimento de conflitos entre bairros como Bel Air, La Saline, Delmas 2, Solinot, Cité Soleil etc. A morte do “comandante da revolução”, em 2006, perpetrada por alguns indivíduos de uma destas bases teria sacramentado o fim da luta, segundo Toussaint: “A coisa estava ficando mais violenta; alguns só pensavam em dinheiro, nosso comandante sabia disso... Sua morte foi um golpe... Saí do movimento”.

Ao mesmo tempo, vários integrantes de bases identificadas com o banditismo – que participavam ou não da luta – foram presos ou mortos por operações policiais ou da MINUSTAH, que se instalara no país em 2004. Toussaint foi detido mais de uma vez, mas como não havia acusações formais contra ele, foi mais uma vez liberado. Contudo, e apesar da repressão, a MINUSTAH iniciou um programa de desarmamento. Líderes comunitários da região, alguns dos quais também chefes de bases, consideraram oportuno aderir ao programa que “traria oportunidades de desenvolvimento para Bel Air”.

Em 2006, Toussaint, mais uma vez juntamente com seus amigos do movimento e alguns jovens da vizinhança, criou outra organização, desta vez “para promover a paz”. Eles ingressaram no programa de desarmamento incentivado pela ONU e, pouco tempo depois, aderiram ao Acordo de Paz, negociado entre os bairros da região — àquela altura marcados por confrontos internos — cuja proposta havia partido do Viva Rio e do governo haitiano (através da CNDDR): “Estávamos cansados da guerra, era chegado o fim da política, o tempo do desenvolvimento”, reflete. Desde então, a organização de Toussaint vem realizando projetos de saneamento, saúde e gestão de conflitos no bairro, em parceria com uma ONG estrangeira.

V. Reflexões finais

A partir da etnografia (da observação de situações de interação no dia a dia), da análise de documentos e por meio da reconstrução de um conjunto de histórias de vida, o nosso objetivo, ao longo deste texto, consistiu em compreender o universo social e cultural das lideranças em Bel Air, desenhar o quadro das propriedades sociais, das emoções e dos sentimentos, das formas de ser, de agir e de se relacionar com os outros que fazem de alguém um líder, reconhecido e identificado como tal em determinados contextos.

Deixamos claro que não procuramos produzir uma definição geral de líder, nem tampouco uma tipologia de lideranças. Ao contrário, mostramos de que modo, do ponto de vista das pessoas, o universo dos líderes em Bel Air está povoado por diferentes figuras com as quais eles podem se identificar às vezes ao mesmo tempo e às vezes ao longo da vida: o artista, o porta-voz de uma organização, o membro de um comitê, o tradutor, o *ajen lieson*, o líder armado, entre outras. Vimos também que essas figuras associam-se a vários termos que compõem o campo semântico da liderança e que servem para nomear os líderes: *boss*, *chef*, *samba*, *lidè*, *lidè kominete*, *lidè amè* etc.

Apontamos também como na figura dos líderes está articulada uma série de características:

- A maior parte deles tem entre 20 e 40 e poucos anos; em geral, as pessoas tornam-se líderes quando estão na faixa dos vinte anos de idade.
- Tradicionalmente, as lideranças sempre foram homens; hoje em dia, começa a haver lideranças mulheres, em geral, com diplomas técnicos ou universitários e conhecimento de idiomas.
- Todos possuem uma formação escolar bem acima da média, independentemente da geração, do gênero e do perfil da liderança: tanto aquelas próximas às ações armadas quanto aquelas que, por exemplo, se orientam “ao desenvolvimento”.
- Os líderes têm uma origem familiar socialmente superior às famílias de menores recursos da região. A maior parte das mães das lideranças é comerciante, alguns dos pais foram empregados do governo, membros do exército e exerceram atividades remuneradas.

Mas os líderes são mais do que a simples soma de uma série de atributos pessoais. Ao longo do texto, mostramos como uma das principais características da liderança é a sua contextualidade, o fato de ela estar inserida no fluxo das relações sociais, surgindo em

situações diversas e sujeita a variações segundo pontos de vista: uma pessoa pode ser reconhecida como líder num contexto e não em outro; alguém pode ser líder para uns e não para outros; as lideranças são objeto de reconhecimentos de natureza e intensidade diferentes ao longo da vida.

A unidade social básica da liderança é a base, um espaço territorial, de sociabilidade, de proteção e influência que pode ter várias escalas – pode se referir à casa, à galera de amigos, ao comitê, a uma seção de um bairro ou, ainda, a toda Bel Air. Os líderes dependem das (e exercem influência nas) bases. Mas as lideranças não habitam um espaço separado por limites claros entre bases, como nos mapas com divisão política entre estados, que apresentam uma sucessão contínua de territórios e fronteiras. Dependendo do contexto, uma base pode estar contida, oposta ou aliada a uma outra; dependendo do contexto também, as pessoas (e os líderes) podem fazer parte de mais de uma base ao mesmo tempo.

Mas, além disso, observamos que as lideranças são reconhecidas e cultivam capacidades singulares, como o sentido da oportunidade, a habilidade para falar, para mediar conflitos, para ajudar os outros e fazer amigos. Vimos como os líderes representam as suas bases diante de agências externas e nelas distribuem os recursos vindos de fora. São essas posições simultâneas de representação (para fora) e de distribuição (para dentro) que explicam o fato de o universo da liderança estar tensionado pelas expectativas de vários agentes: aquela dos membros da base, da população do bairro ou do *güeto*, de melhoria de suas vidas; a expectativa dos funcionários das agências internacionais ou do governo de influenciar a população da área; ou ainda, aquela das lideranças de cultivar a sua própria reputação como tais.

Da mesma forma que observamos como os líderes são produto das comunidades, apontamos como surgem na interação com entidades externas a elas. Dito de outra forma: os líderes de Bel Air “são feitos” em Bel Air, mas, ao mesmo tempo, são feitos também na interação com outros agentes — notadamente com o governo e com a cooperação internacional, que precisam de sua ajuda para chegar às “populações alvo” e, por isso, agem na região, identificando e formando lideranças.

E da mesma forma como o cruzamento de expectativas de natureza distinta pode ser fonte de tensão entre os líderes, a ação simultânea e consecutiva sobre um mesmo território e sobre uma mesma população (como Bel Air) de várias agências externas também pode desestabilizar as lideranças antigas diante das novas, estimulando os conflitos.

No universo social das lideranças e, sobretudo, nas formas de associação que as produzem e nas quais elas habitam, se reconhecem várias gerações de agentes e de agências. Confluem na história dos líderes temporalidades distintas: uma mais curta, que conforma o cenário da própria pesquisa, e outras temporalidades de duração maior, que ganham vida com a presença da MINUSTAH, do Viva Rio, de instituições do governo, em Bel Air, além da implementação do programa de DDR,⁵² e da própria história política haitiana posterior à derrubada da ditadura dos Duvalier e a presença marcante de lideranças locais de alcance nacional, como Jean Bertrand Aristide; da ainda mais longa cronologia da ajuda internacional, associada — pelo menos, desde o período da ocupação norte-americana (entre 1915 e 1934) — a intervenções militares externas e à instabilidade política interna.

Dessa cronologia mais longa, faz parte a ação de uma legião de missionários ligados a igrejas e de especialistas ligados a agências internacionais. Como em todo o país, em Bel Air essas ações também se articulam intrinsecamente à história das formas de associação locais. De fato, sem dúvida, as associações foram e ainda são efetivamente “locais”. Mas não somente: elas sempre se estruturaram na relação com agentes externos e de maior escala, como o governo haitiano, governos estrangeiros, igrejas, agências internacionais e ONGs.

Assim, nas ações coletivas da população de Bel Air (nos comitês ou nos grupos *rara*, por exemplo) podemos reconhecer formas próprias do mundo rural haitiano — como o *kombit*, a *atribisyon* ou o *tètansanm* — vinculadas ao quadro burocrático do Estado (aos CASEC, por exemplo), às formas de se organizar a vida da casa em torno da família extensa do *lakou*, aos modos de construção de comunidade, de identificação de questões compartilhadas e de ação sobre os destinos da coletividade, trazidos por missionários ou por funcionários de agências de desenvolvimento. Em suma, o universo das lideranças constitui uma catalisação singular de agências e de agentes que operam em várias escalas; nos líderes, aparecem colapsadas as dimensões local, nacional e internacional da vida social.

Pelo fato de exprimir o ponto de vista da população de Bel Air e das próprias lideranças, a visão que aqui propomos se afasta criticamente das narrativas que romantizam ou estigmatizam a liderança — narrativas estas que, como vimos, estão ancoradas nas suposições de carência de recursos, de ausência do Estado e de associação entre miséria e violência.

Ao situar as “lideranças comunitárias” no universo mais amplo da autoridade e do associativismo ao qual pertencem, desenhemos um campo de variações, de figuras

⁵² Haveria ainda a história mais curta, posterior ao terremoto de janeiro de 2010.

contextuais, de valores e de ações. Como dissemos, esse campo complexo e nuançado é também, ele próprio, atravessado por acusações, podendo ser objeto de suspeitas referidas, por exemplo, ao desvio de recursos ou à realização de ações violentas e ilegais. A dinâmica das acusações alimenta-se ainda do fato de se tratar de um universo relativamente pequeno, no qual as pessoas se conhecem e no qual nem sempre são claras as fronteiras entre reputações ligadas às atividades criminais, à militância política ou às iniciativas em favor do desenvolvimento.

Este trabalho insere-se numa realidade específica na qual convivem políticas de estabilização e de desarmamento com a implementação de iniciativas de desenvolvimento – uma combinação que, como vimos, faz parte das políticas idealizadas e implementadas pelo Viva Rio na região, junto a um conjunto variado de lideranças. A história dos conflitos armados da primeira metade da década de 2000, seguida pela presença ou suposta presença em Bel Air de *gangs* ligadas ao crime (notadamente ao tráfico de drogas, roubos e sequestros) transforma a distinção entre as formas pacíficas e violentas de liderança numa questão-chave para as pessoas e as agências envolvidas na região.

A pesquisa mostrou uma visão nuançada e processual dessa fronteira entre “violência política” e “crime” na qual, literalmente, se passa a vida de muitas pessoas. Nuançada porque, como vimos, a liderança é definida de maneira contextual e relacional: o que pode ser visto como crime por uns, pode ser considerado um ato político por outros. E processual porque, como também observamos, as formas da liderança mudam ao longo das gerações e no decorrer da vida de uma mesma pessoa; por exemplo, o sentido do uso das armas em 2004 e nos dias de hoje não é o mesmo; nesse período, antigas lideranças armadas comprometeram-se com o processo de desarmamento e, atualmente, “trabalham para o desenvolvimento”.

De fato, várias lideranças da Grande Bel Air orgulham-se de ter participado do processo de desarmamento e de estimular a ação política não violenta. Para eles, trata-se de pontos de inflexão em suas trajetórias pessoais, de reconversão de alguns dos atributos da sua própria qualidade de líderes. Ao mesmo tempo em que a iniciativa das lideranças tornou os Acordos de Paz possíveis, sua assinatura introduziu mudanças em seu universo.

Sabe-se que nada há de inelutável nas transformações sociais, mais ainda quando se trata de processos em curso, que sempre dependem de uma multiplicidade de condições das quais fazem parte um sem número de ações e de agências — do governo, das instituições internacionais e das ONGs. Formas de ação coletiva (como as armadas), que hoje parecem relativamente marginalizadas, podem voltar a ser centrais. Situações extremas como as vividas

em Bel Air, associadas aos sentimentos explícitos ou latentes de frustração, certamente têm potencial para volatilizar esse quadro de relativa pacificação. A questão é que, de uma forma ou de outra, independentemente das vontades políticas, essas figuras de influência e de respeito, as lideranças, eram e ainda são atores inescapáveis de qualquer tentativa de inclusão social.

VI. Imagens

VII. Referências

- BARTHELEMY, Gerard. 1989. Le pays en dehors: essai sur l'univers rural Haitien. Henri Deschamps, Port-au-Prince.
- BASTIEN Rémy. 1985. Le paysan haïtien et sa famille : Vallée de Marbial, 1ère édition 1951. Paris : Karthala.
- CASTOR, Suzy. 1988. L'occupation américaine d'Haïti. CRESFED.
- CENSO VIVA RIO 2007 (CVR-2007).
- DANTICAT, Edwige. 2008. Adieu mon frère. Paris: Grasset.
- DDR Quarterly Report. 2006. The Integrated DDR Section: UNDP – MINUSTAH. 3rd Quarterly Report. July- August-September
([http://unddr.org/docs/3rd Quarterly Report 2006 version 3.pdf](http://unddr.org/docs/3rd_Quarterly_Report_2006_version_3.pdf))
- ELYACHAR, Julia. Markets of Dispossession: Empowering the Poor in Cairo. Durham, NC: Duke Univ. Press.
- ÉTIENNE, Sauveur Pierre. 2007. L'énigme haïtienne. Échec de l'État moderne en Haïti. Montréal: Press de l'Université de Montreal.
- _____. Haïti : l'invasion des ONG. Haïti : CIDIHCA & CRESFED.
- EVANGELISTA, Felipe. 2010. "Construções do 'fracasso' haitiano". Dissertação de Mestrado. PPGAS, Museu Nacional, UFRJ.
- FATTON JR., Robert. 2002. Haïti's Predatory Republic: The unending transition from democracy. Boulder: Rienner.
- FERGUSON, James. 1999. Expectations of Modernity. Myths and Meanings of Urban Life on the Zambian Copperbelt. University of California Press.
- FERNANDES, Rubem César e NASCIMENTO, Marcelo de Sousa. 2007. "A Violência em Bel Air, Porto Príncipe, Haïti". Viva Rio.
<http://www.comunidadessegura.org/files/pesquisahaiti/ADvitiPOR.pdf>
- GREENE, Anne. 1993. The Catholic Church in Haiti: political and Social Change. Michigan State University Press.
- HAMANN, Eduarda (Org.). 2009. Revisiting borders between civilians and military: Security and Development in Peace Operations and Post-conflict Situations. Rio de Janeiro: Viva Rio.
- HERSKOVITS, Melville. 1965 (1937). Life in a Haitian Valley. New York: Octagon Books.
- HURBON Laënnec, 1987. Comprendre Haït : essai sur l'Etat, la nature, la culture. Paris, Karthala.

- _____. 2000. Le phénomène Religieux dans la Caraïbe. Paris: Karthala.
- LAGUERRE, Michel. 1975. « Les associations traditionnelles de travail dans la paysannene Haïtienne », Port-au-Prince, IICA.
- LAMAUTE-BRISSON, Nathalie. 2002. L'économie informelle en Haïti. De la reproduction urbaine à Port-au-Prince, Editions L'Harmattan, Paris.
- LOWENTHAL, Ira. 1987. "Marriage is 20. Children are 21: The cultural Construction of Conjuality and Family in Rural Haiti". Ph.D. Dissertation, Johns Hopkins University.
- LUNDAHL, Mats. 2011. Poverty in Haiti. Essays on Underdevelopment and Post Disaster Prospects. Palgrave, Macmillan.
- _____.1992 Politics or markets ? Essai on Haitian underdevelopment. London, New York : Routledge.
- MANIGAT Leslie F., 1995 La crise haïtienne contemporaine. Port-au-Prince : Edition des Antilles.
- MANIGAT, Sabine y Claude MOÏSE. 2001. 'Haïti 2000: Lavalas en el poder, Lavalas en cuestión'. Anuario social y político de América Latina y El Caribe, 4, pp. 45 – 52.
- MARCELIN, L. H. 1988. La Famille Suburbaine à Saint-Martin, Port-au-Prince. Mémoire de licences, Port-au-Prince : Faculté d'Ethnologie, Université d'Etat d'Haïti.
- McALISTER, Elizabeth 2002. Rara: Voudu, Power and Performance in Haiti and Its Diaspora. University of California Press, Berkeley, Los Angeles, London.
- MINTZ, Sidney . 1959. "Internal Market Systems as Mechanisms of Social Articulation." Em V.F. Ray (ed.) Intermediate Societies, Social Mobility and Communication. Seattle: University of Washington Press. Pp. 20-30.
- _____.1960. "A tentative typology of eight Haitian market places". Revista de Ciencias Sociales 4: 15-17.
- _____. 1971. "Men, women and trade". Comparative Studies in Society and History, 13 (3), 1971, pp. 247-269.
- MOESTUE, Helen & MUGGAH, Robert. 2009. Integração social, Ergo, Estabilização. Avaliando o programa de segurança e desenvolvimento do Viva Rio em Porto Príncipe. Rio de Janeiro: Viva Rio, Small Arms Survey.
- MORAL Paul, 1978. Le paysan haïtien, 1ère édition 1961. Port-au-Prince: Les Editions Fardin.
- MUGGAH, Robert. 2005. Securing Haiti's Transition : Reviewing Human Insecurity and the Prospect for Disarmament, Demobilization, and Reintegration. Geneva : Small Arms Survey.
- NASCIMENTO, Sebastião e THOMAZ, Omar R. 2006. Bel-Air. Neighborhood with a Past, Neighborhood with a Future. m.s

NEIBURG, Federico & NICAISE, Natacha. 2010. « Déchets. Estigmatisations, commerce, politiques. Garbage. Stigmatizations, commerce, politics. Fatra. Stigmatizasyon, Komès, politik – Lixo. Estigmatizações, Comércio, Políticas. Porto Príncipe, Haiti”. Viva Rio/NuCEC.

NEIBURG, Federico & NICAISE, Natacha. 2009. “A vida social da água em Bel Air – La vie sociale de l’eau à Bel Air – The social life of water in Bel Air, Port-au-Prince, Haiti”. Viva Rio / NuCEC.

NEIBURG, Federico. 2010. “Imaginary Moneys: Transactions, Markets and the State in Haiti”. Sidney Mintz Lecture, November 10th 2010.

PLUMMER, Brenda Gayle. 1988. Haïti and the Great Powers. 1902-1915. Baton Rouge and London: Louisiana State University Press.

PNUD. 2005. Situation économique et sociale d’HAÏTI.

RENDA, Mary A. 2001. Taking Haïti. Military occupation and the Culture of US Imperialism. Chapel Hill & London: The University of Carolina Press.

SCHMIDT, H. 1971. The United States occupation of Haiti, 1915-1934. New brunswick: Rutgers University Press.

SMART Luc. 1988. Les Organisations populaires en Haiti: Une etude exploratoire de la zone de Port-au-Prince, CIDIHCA.

SMITH, Jennie Marcelle. 2001. When the Hands Are Many: Community Organization and Social Change in Rural Haiti. Cornell University Press.

THOMAZ, Omar Ribeiro. 2005. “Haitian elites and their perceptions of poverty and of inequality” in Reis, Elisa P. & Moore, Mike (ed.). Elite Perceptions of Poverty and Inequality. Zed Books, London e New York.

TROULLIOT, Michel- Rolph. 1990. Haiti: State Against the Nation – The Origins and Legacy of Duvalierism. New York: Monthly Review Press.

UNDDR Country Programs, Haiti, <http://www.unddr.org/countryprogrammes.php?c=80>

United Nations. 2010. Second Generation Disarmament, Demobilization and Reintegration (DDR) practices in peace operations. A contribution to the new horizon discussion on challenges and opportunities for UN peacekeeping. Report commissioned by: United Nations Department of Peacekeeping Operations, Office of Rule of Law and Security Institutions, Disarmament, Demobilization and Reintegration Section

WARGNY, Christophe. 2004. Haïti n'existe pas, 1804-2004: deux cents ans de solitude. Paris: Autrement.